



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

VINÍCIUS FREDERICO DE OLIVEIRA SILVEIRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS “ANOS DE CHUMBO”: A VISÃO
DE EX-ALUNOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE-PB

2023

VINÍCIUS FREDERICO DE OLIVEIRA SILVEIRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS “ANOS DE CHUMBO”: A VISÃO
DE EX-ALUNOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas

CAMPINA GRANDE-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S587e Silveira, Vinicius Frederico de Oliveira.

A educação física nos "anos de chumbo" [manuscrito] : a visão de ex-alunos da cidade de Campina Grande-PB / Vinicius Frederico de Oliveira Silveira. - 2023.

74 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas, Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física - CCBS. "

1. Educação escolar. 2. Regime Militar. 3. Elementos pedagógicos. I. Título

21. ed. CDD 372.86

Elaborada por Geovani S. de Oliveira - CRB - 15/1009

Biblioteca
Central
BC/UEPB

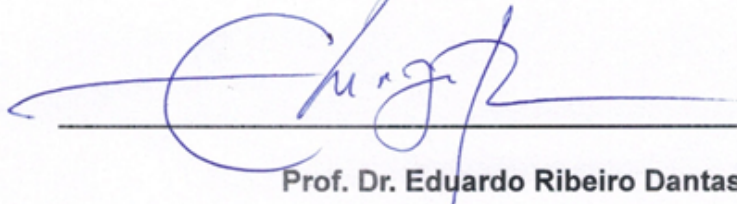
VINÍCIUS FREDERICO DE OLIVEIRA SILVEIRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS “ANOS DE CHUMBO”: A VISÃO
DE EX-ALUNOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

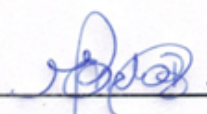
Trabalho de Conclusão de Curso do tipo monografia, apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovado em: 20 / 10 / 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas



Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa



Prof. Me. Jeimison de Araújo Macieira

Esse trabalho é dedicado ao meu pai, Alessandro Frederico e a minha mãe, Gláucia Michelle, meus melhores amigos e maiores incentivadores. Obrigado por todo acesso à educação, sem vocês eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, Nossa Senhora, aos Orixás e todos os meus guias espirituais por terem me concedido saúde, equilíbrio e determinação para alcançar os meus objetivos durante os meus anos de estudo, e por me ajudarem a ultrapassar todos os obstáculos e dificuldades.

A minha família, em especial meu pai, Alessandro Frederico, minha mãe, Gláucia Michelle, minha avó, Márcia Dantas e minha irmã Beatriz Frederico, por serem os meus melhores amigos, meus grandes incentivadores, e apoiadores, vocês são a minha base.

Ao meu orientador, Eduardo Ribeiro Dantas, por todos os ensinamentos e encaminhamentos com dedicação e amizade, possibilitando um melhor desempenho na minha formação profissional e na produção do trabalho.

Ao professor Jeimison Macieira, pelos esclarecimentos e todas as conversas que tivemos nos horários livres, foram essenciais para um novo pensamento sobre a Educação Física, tornou-se um amigo e também espelho de professor que pretendo me tornar.

A professora Elaine Melo, por todas as contribuições e orientações do que é ser professor, e do papel que temos com a sociedade, além de todos os ensinamentos passados durante a minha formação.

A professora Morgana Guedes, na qual pude me aproximar no final da minha graduação, se tornando uma grande amiga, me incentivando e me orientando para uma prática docente transformadora, assim como a mesma exerce com excelência, e que contribuiu diretamente na produção do trabalho.

Aos entrevistados que se disponibilizaram a participar da pesquisa, contribuindo grandemente para a produção do trabalho.

Aos professores do Departamento de Educação Física, principalmente aqueles com quem pude me aproximar e foram muito importantes para a

minha formação, meus agradecimentos à professora Jozilma de Medeiros, Maria Goretti Lisboa e Daniel Batista

A Daniele Fagundes, Patrícia Silva e Flávia de Oliveira, amigas do curso com quem pude compartilhar muitos momentos de descontração, de aprendizagem e de troca de saberes, com muito afeto e companheirismo e que se mostraram disponíveis a me ajudar na construção do trabalho.

Aos funcionários dos serviços gerais do departamento de Educação Física, em especial Júlio César e João Pedro, que se tornaram verdadeiros amigos e sempre se mostraram dispostos a ajudar.

A minha formação, e o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso só se consolidou graças a todos que aqui foram citados, pois de forma direta ou indireta contribuíram, me incentivando para que eu não desanimasse do meu sonho de se tornar um professor de Educação Física. Por isso, meus sinceros agradecimentos, sem vocês nada disso seria possível.

RESUMO

Um dos episódios mais marcantes da história do Brasil, foi a implementação do Regime Militar (1964-1985), pois esse evento repercutiu em todas as esferas políticas, principalmente na educação. Uma das disciplinas que recebeu mais atenção do Estado, foi a de Educação Física, pois era um componente que conseguia desenvolver habilidades e atingir alguns interesses para os militares, como a formação de atletas de alto nível, para servirem de propaganda do governo em competições internacionais, a melhoria da mão de obra, para uma maior produtividade, como também do uso político da educação para disseminação das ideologias do Regime. Nesse sentido o presente trabalho tem como objetivo, investigar sobre o ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB, durante o período do Regime Militar, mais especificamente entre os anos de 1971-1974, denominado popularmente como os “anos de chumbo”, momento que houve a promulgação do ato institucional nº 5 e existiu uma maior repressão, autoritarismo e violência por parte do Estado para controlar a sociedade. Então esse estudo busca identificar quais os elementos pedagógicos que se faziam presentes nas aulas, bem como verificar o olhar dos alunos que vivenciaram a disciplina durante esse período, descrevendo os significados e valores que eles atribuem a Educação Física. Trata-se de uma pesquisa descritiva e de caráter qualitativo, que se desenvolveu por meio de uma entrevista semiestruturada com ex-alunos das escolas da cidade de Campina Grande-PB, dentro do recorte determinado. Diante dos dados que foram obtidos pela pesquisa, observou-se que o ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB, no período recortado, no caso do grupo estudado, seguia a lógica nacional exposta pelos autores referenciados, pois percebe-se um ensino tecnicista, esportivista, pautado no paradigma da aptidão física, isto é, tinha como objetivo a obtenção de condicionamento físico, saúde e disciplinarização, reforçando os interesses do Regime e deixando de enxergar o caráter socioeducativo da disciplina.

Palavras- chaves: História; Regime Militar; Educação Escolar.

ABSTRACT

One of the most significant episodes in the history of Brazil was the implementation of the Military Regime (1964-1985), as this event had repercussions in all political spheres, especially in education. One of the subjects that received significant attention from the government was Physical Education, as it was a component that could develop skills and serve the interests of the military, such as producing high-level athletes to promote the government in international competitions, improving the workforce for greater productivity, and using education for political purposes to spread the ideologies of the Regime. In this context, this study aims to investigate on the teaching of Physical Education in the city of Campina Grande-PB during the period of the Military Regime, specifically between the years 1971-1974, popularly known as the "years of lead," a time when the Institutional Act No. 5 was promulgated, leading to increased repression, authoritarianism, and state violence to control society. This study seeks to identify the pedagogical elements present in the classes and understand the perspectives of the students who experienced Physical Education during this period, describing the meanings and values they attributed to it. This is a descriptive and qualitative research that was conducted through semi-structured interviews with former students from schools in Campina Grande-PB within the specified timeframe. Based on the data obtained from the research, it becomes clear that the teaching of Physical Education in Campina Grande-PB during the specified period, at least for the group studied, followed the national logic outlined by referenced authors. It appears to have been characterized by a technical and sports-oriented approach, emphasizing physical fitness, health, and discipline, reinforcing the interests of the Regime and overlooking the socio-educational aspects of the discipline.

Keywords: History; Military Regime; School Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1. CONTEXTO POLÍTICO.....	12
2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL.....	14
2.3 ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	17
2.3.1 Na esfera do alto rendimento.....	19
2.3.2 Na esfera da participação.....	21
2.3.3 Na esfera da Educação.....	23
3. METODOLOGIA.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
5.CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A.....	47
APÊNDICE B.....	48
APÊNDICE C.....	71

1. INTRODUÇÃO

Um dos episódios mais marcantes da história do Brasil foi a implementação do Regime Militar no controle do Estado, cujo período foi marcado por forte repressão e autoritarismo. Mesmo passados 37 anos do fim do regime, ainda há discrepâncias em determiná-lo enquanto um golpe de estado, ou não, mas como defende Fico (2014) o que é incontestável é veracidade de Regime ditatorial, liderado pelos militares, os quais detiveram o poder do país durante o período de 1964 até 1985.

Esse evento-chave que chegou a durar 21 anos, caracteriza-se pela inibição da participação dos cidadãos nas decisões políticas, ou seja, atos antidemocráticos fundamentaram o governo dos cinco generais-presidentes que comandaram o país. O Regime político afetou diversos setores da sociedade, e um dos mais atingido foi a educação.

A educação passou por algumas alterações para alcançar os objetivos do Estado, principalmente a ascensão econômica, por isso passou a ter um caráter tecnicista e profissionalizante, pois,

Com a industrialização consolidada, a educação foi o meio escolhido para cumprir três funções: divulgar a ideologia do sistema, reforçar a um período de bastante repressão, autoritarismo, violência, tortura, perseguição e divisão da sociedade em classes e manter esta divisão. (NUNES, MIGUEL. 2021, p.6)

Por essa razão, a educação sofreu muita influência do Regime Ditatorial, a ponto de ser colocada como segundo plano e encarada como uma ferramenta para a elevação da economia brasileira. Como defende Ferreira Jr e Bittar (2008, p.11),

No tocante à questão educacional, os tecnocratas defendiam como pressuposto básico a aplicação da “teoria do capital humano”, como fundamentação teórico-metodológica instrumental para o aumento da produtividade econômica da sociedade.

Percebe-se então que nesse período a educação brasileira passou a ter uma caráter mais tecnocrático, que nada mais é do que uma ideologia de governo pautada no conhecimento técnico do indivíduo, pelo qual se priorizava a produtividade. A relação educacional com a econômica era tão forte, que Ferreira Jr.

e Bittar (2008, p.346) afirmam que “Já no âmbito da baixa tecnocracia, urgia a formação de mão-de-obra para aumentar a produtividade do PIB brasileiro”. Confirmando a colocação de que a educação era vista e utilizada como plano de produtividade econômica do governo.

Outros eventos importantes que marcaram a esfera educacional nesse período foram as reformas de 1968 e de 1971 com as Leis de nº 5.540 e nº 5.692, respectivamente. Essas reformas priorizavam a produtividade e deixavam de lado a formação crítica do alunado, objetivando apenas “[...]’formar’ homens domesticados para a sociedade desejada, ou seja, a sociedade burguesa, a expansão capitalista.” (Nascimento, 2018, p. 13)

A Educação Física escolar foi um personagem importante no cenário educacional desse período, pois como defende Oliveira (2002), a disciplina alcançaria o que o estado exigia, um maior desenvolvimento nas forças de produção e uma maior aceitação popular do governo. Esse desenvolvimento partia de uma educação escolarizada com fins disciplinadores de ordem e de alto rendimento. Isso porquê formaria indivíduos patriotas, disciplinados, fortes e saudáveis, tanto para a mão de obra de produção, como também para contar com um maior protagonismo esportivo em campeonatos mundiais, proporcionando assim a propaganda do governo.

As aulas de Educação Física escolar no período do Regime Militar fundamentavam-se sob a tendência esportivista, que prioriza o alto rendimento dos alunos, a elitização e massificação da prática esportiva. Isso nos mostra o quanto o cenário político influencia no âmbito educacional, pois era justamente isso que serviria para a formação de atletas de alto nível, a fim de obter medalhas olímpicas e em campeonatos mundiais, enaltecendo o “Brasil-potência”¹. Além disso, também defendia o desenvolvimento de um indivíduo forte para servir a pátria, como relata Ghiraldelli Júnior (1991).

Desse modo, esse estudo busca desenvolver conhecimento dentro da linha sócio-histórica da Educação Física escolar, com enfoque no período do Regime Militar, e com isso, essa pesquisa pretende dialogar com Oliveira (2002 e 2009), Ghiraldelli Junior (1991) e com Castellani Filho (1988), que foram e são grandes protagonistas quanto à escrita da história da Educação Física brasileira.

¹ Esse termo surge para atribuir ao Brasil uma potencialidade nas esferas políticas e econômicas, devendo ser visto como um país desenvolvido.

A pesquisa procura investigar o ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB, limitando-se no período de 1971 até 1974, partindo do entendimento do Decreto nº 69.450, de 1º de Novembro de 1971, em seu Art. 2º torna a Educação Física desportiva e recreativa como atividade escolar regular, ao currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino, e também por se tratar do período nomeado popularmente como “os anos de chumbo”² do Regime Militar. O termo refere-se ao período de maior repressão, violência e autoritarismo deste recorte histórico, marcado entre 1969 até 1974, no qual Emílio Garrastazu Médici presidiu o país.

Por se tratar de uma pesquisa sócio-histórica, que fundamenta-se no contexto político da época e sua relação com a educação e a Educação Física, foi realizada uma entrevista com pessoas que vivenciaram a sua formação escolar dentro desse recorte temporal (1971-1974).

Desse modo, a pesquisa busca identificar quais os elementos pedagógicos que se faziam presentes nas aulas, bem como verificar o olhar dos alunos que vivenciaram a disciplina durante esse período, descrevendo os significados e valores que eles atribuem a Educação Física, por meio da análise dos seus depoimentos.

A geração dos dados se deu por meio de uma entrevista com sujeitos que vivenciaram o contexto escolar no período demarcado (1971-1974). Posteriormente foi feita uma análise dos depoimentos dos entrevistados atribuídos à disciplina de Educação Física.

É importante destacar que essa pesquisa trata-se de um trabalho acadêmico e, portanto, não pretende defender nenhum ponto de vista, muito menos nenhuma ideologia partidária, o estudo é fundamentado em fatos históricos e em conhecimentos acadêmicos produzidos acerca da História do Brasil e da História da Educação Física brasileira.

² “Anos de chumbo” foi um termo adotado popularmente para se referir aos anos de maior repressão, violência, perseguição e autoritarismo do Regime Militar, período presidido pelo General Emílio Garrastazu Médici

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. CONTEXTO POLÍTICO

No dia 31 de março de 1964 instaurou-se no Brasil o Regime Civil-Militar, que se estendeu durante 21 anos (1964-1985). Para entender melhor como e o porque aconteceu, deve-se buscar compreender o contexto social e político.

Com a renúncia da presidência de Jânio Quadros, quem chega ao poder é o vice-presidente João Goulart, que até então era eleito de forma separada do presidente. A posse de Jango (como João Goulart era conhecido), segundo Fico (2014) aconteceu de forma bastante problemática, pois houve naquele momento uma forte resistência para que ele assumisse o cargo de presidente, principalmente por parte dos militares que também se encontravam em cargos políticos.

O que muito se discute é quanto ao uso do termo “golpe militar” ou “golpe civil-militar”, pois de fato não foram somente os militares que conspiravam, houve sim um apoio da sociedade. Porém, de acordo com Fico (2014) ao afirmar que: “[...] não é o apoio político que determina a natureza dos eventos da história, mas a efetiva participação dos agentes históricos em sua configuração”.

Fica claro a visão de Fico (2014), ao tentar explicar a natureza dos fatos, pois deve-se compreender que no momento do golpe, existia uma conspiração civil-militar, então é certo usar o termo “golpe civil-militar”, mas que com o decorrer do golpe, os próprios apoiadores foram afastados pelos militares, para que não corressem riscos nos mandatos, e aí se instaura de forma eminente e unicamente um Regime Militar.

Araújo, Silva e Santos (2013) defendem esse mesmo ponto de vista, pois de fato existiu apoio de parte da sociedade para que existisse a intervenção militar. Os autores afirmam:

O golpe, deflagrado pelos militares, foi saudado por importantes setores civis da sociedade. Grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, da Igreja Católica, vários governadores de Estados importantes — como Carlos Lacerda, da Guanabara; Magalhães Pinto, de Minas Gerais e Ademar de Barros, de São Paulo — e amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como modo de pôr fim à suposta ameaça de esquerdização do governo e de se controlar a crise econômica (Araujo, Silva, Santos. 2013. P.16)

O discurso dos apoiadores do golpe, que futuramente se tornaram os opositores, era de que seria necessário uma intervenção militar para que Jango não

instaurasse no Brasil uma ditadura comunista, e essa seria a resposta, o "contragolpe" como destaca Fico (2014, p.) ao afirmar que:

Goulart planejava um golpe, buscando manter-se no poder com o apoio das esquerdas que, afinal, o dominaram, tornando seu governo definitivamente comunista. Embora não existam provas que sustentem essa interpretação, os que pensam assim entendem que o golpe de 1964 foi um "contragolpe preventivo" para evitar o "golpe" de Goulart.

Com o golpe já instaurado no sistema brasileiro, a população passou a não ter mais o direito de voto, e as próximas representações presidenciais seriam de forma indireta. Durante o Regime, passaram pela presidência cinco generais do exército brasileiro, o primeiro deles foi Humberto Castelo Branco (1964-1967), seguido por Artur da Costa e Silva (67 69), Emílio Garrastazu Médici (69 74), Ernesto Geisel(1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985).

Esse Regime político foi marcado por ser um período de muita repressão e violência, e os momentos de maior autoritarismo do governo foram durante o governo do General Costa e Silva e de Médici, ficando conhecido como os anos de chumbo, como é perceptível na fala:

Um aspecto importante desse período é a repressão política aos dirigentes e lideranças que operavam dentro das estruturas legalmente constituídas. Políticos, sindicalistas, professores, militares, padres etc. Foram muitas vezes cassados, submetidos a processos, prisões e torturas (D'araújo, Soares, Castro, 1994, p..12)

O uso do abuso de autoridade, da força repressiva, das torturas impunes, eram todas acobertadas pelos famosos AI's, os atos institucionais, que nada mais eram do que os decretos formulados pelos militares, para legitimar a violência e o autoritarismo do Regime Militar.

Fica claro que apesar das fortes repressões a quem fosse contrário ao regime, sempre existiu uma forte oposição e resistência às ideologias impostas pelos militares, e eram essas pessoas que passavam por violência, torturas, exílios e até mesmo homicídios. "Durante todo esse período muitos brasileiros resistiram e lutaram contra a ditadura de variadas formas. Nos primeiros anos após o golpe, estudantes, artistas e intelectuais se manifestaram contra a ditadura" (Araujo; Silva; Santos, 2013, p.19).

Ainda segundo Araujo, Silva e Santos (2013) foi nos últimos anos de governo dos militares, representados por Ernesto Geisel e João Figueiredo na presidência, que notou-se o enfraquecimento do Regime. Então, é nesse momento que o processo de redemocratização foi ganhando força e mais representatividade, com a abertura política, mesmo que de forma lenta e gradual e com o “movimento das minorias políticas” que foi um movimento que lutava pela liberdade democrática que unificou a sociedade brasileira.

Somente no ano de 1985 que é eleito um presidente diretamente pelo povo brasileiro, José Sarney era o nome da nova figura política que presidiu o país de 1985 até 1990, pondo um fim em um Regime autoritário, repressivo e conservador do Regime Militar.

2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL

No campo educacional como foi falado anteriormente, o Regime Militar teve uma forte influência nos modelos educacionais, uma vez que o ensino passou a ser pautado na formação de indivíduos que favorecessem a ideologia produtivista, priorizando e enaltecendo o ensino técnico, e ao mesmo tempo, também possuía uma abordagem autoritária com fins disciplinadores.

A educação se tornou um valor econômico, e como defende Castellani Filho (1988) passou a seguir um modelo tecnicista e baseado na “Teoria do capital humano”, pois uma força de trabalho com um maior capital humano, consequentemente resultaria em uma maior produtividade.

Segundo Ferreira Jr e Bittar (2008, p. 4) a educação passou a ser vista em segundo plano, pois o real interesse dos generais-presidentes era a ascensão econômica, visto que “a educação no âmbito do Regime Militar foi concebida como um instrumento a serviço da racionalidade tecnocrática, com o objetivo de se viabilizar o slogan “Brasil Grande Potência”

O Brasil vivenciava um forte e crescente processo de industrialização, justamente no período conhecido como os “anos de chumbo”, que ocorreu o famoso “Milagre econômico”, momento em que o Brasil cresceu o seu PIB consideravelmente, e o capitalismo e as indústrias cresciam rapidamente.

Por consequência desse forte crescimento industrial, necessitou-se de uma maior mão de obra, por isso a necessidade de um ensino profissionalizante. Como é afirmado ao falar dessa forma de ensino, "[...] veio a configurar-se no zelar, enfaticamente pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando com esse proceder, assegurar o ímpeto desenvolvimentista." (Castellani Filho, 1988. p 107).

Com isso, aconteceram as principais modificações educacionais durante o Regime Ditatorial, que como afirma Castellani Filho (1988) reforça todo o caráter instrumental do ensino tecnocrático. Foram as reformas de 1968, com a Lei nº 5.540, e a de 1971 com a Lei nº 5.692/71. Essas reformas tinham como objetivo proporcionar uma maior profissionalização, aumentando assim a produção, e respectivamente a economia do país.

Seguindo a mesma visão de Nascimento (2018) ao afirmar que a reforma de 71, promulgada na Lei nº 5.692/71, confirmava como era de interesse do governo que a educação passasse a ter um caráter tecnocrático, quando ela expõe:

Como já foi salientado, dentro dos princípios defendidos pelo modelo de escola imposta pela ditadura, não se buscava, e isso nem poderia ocorrer pela natureza do regime, trabalhar a formação crítica dos alunos. O modelo de educação objetivava a defesa da ordem burguesa. (Nascimento, 2018, p. 12).

Outra reforma que aconteceu durante o período do Regime Ditatorial foi na Lei n. 5.540/68, que consistiu em uma mudança nos currículos universitários, incluindo a obrigatoriedade de práticas esportivas em todos os cursos superiores. Seguindo a visão de Oliveira (2009) essas práticas eram impostas com fim de desviar, ocupar e até mesmo afastar os alunos dos problemas sociais e das questões políticas.

Essas reformas demonstram que os alunos eram formados por meio de um ensino que não estimulava o seu pensamento crítico, a sua autonomia e principalmente a capacidade de correlacionar os conteúdos aprendidos como solução para os problemas sociais.

Essa afirmação é ainda mais válida, quando analisamos no âmbito educacional a substituição da disciplina de filosofia por uma disciplina chamada "Educação Moral e Cívica". Como defende Castellani Filho (1988), essa nova disciplina enfatizou a escola como um palco de repetição e de reprodução dos conhecimentos passados pelo professor, o único protagonista das intervenções

pedagógicas, e os alunos como reprodutores do conhecimento, sem autonomia e criticidade ao que era exposto pelo professor.

Foi nessa mesma esfera que os militares acolheram como uma ferramenta para exaltar o “Brasil-potência”, que também encontraram uma forte resistência ao Regime. A educação se mostrou revolucionária nesse processo de oposição e de luta pela redemocratização, pois grande parte dos estudantes se mostraram contrários às ideologias do Regime.

Esse mesmo ponto de vista é defendido por Castellani Filho (1988), ao afirmar que os estudantes, em especial aqueles que estudavam já no ensino superior, sempre se posicionaram diante das atitudes anti-democráticas do Estado. Além disso, Castellani Filho (1988) comenta sobre a Lei nº 4.464, a Lei Suplicy de 9 de novembro de 1964, que como ele aponta foi um dos mecanismos que o Estado teve que tomar, para tentar frear a resistência estudantil, agindo dentro da legalidade.

O interesse da Lei Suplicy, era enfraquecer a UNE (União Nacional dos Estudantes), substituindo pelos Diretórios Acadêmicos. Dessa forma, os estudantes por sua vez, querendo lutar pela redemocratização, passaram a agir de forma clandestina. Como afirma Castellani Filho (1988): “[...] a UNE continuou presente nos debates acerca das questões nacionais, manifestando sempre a intenção de ver de volta, implementado, os planos políticos pré-64”.

Um fato histórico que teve grande repercussão durante as manifestações contra a ditadura militar, foi a “Passeata dos cem mil”, manifestação organizada pelo movimento estudantil. Essa foi a maior manifestação anti-ditatorial, e como é exposto por Souza (2018), o protesto unificou o povo brasileiro, pois “encontravam-se artistas, professores, estudantes, mães de alunos, representantes do clero, freiras, jornalistas, servidores públicos, advogados, políticos cassados etc” (p. 5). A Figura 1 representa a referida manifestação.

Figura 1- Passeata dos cem mil



Fonte: Souza (2018)

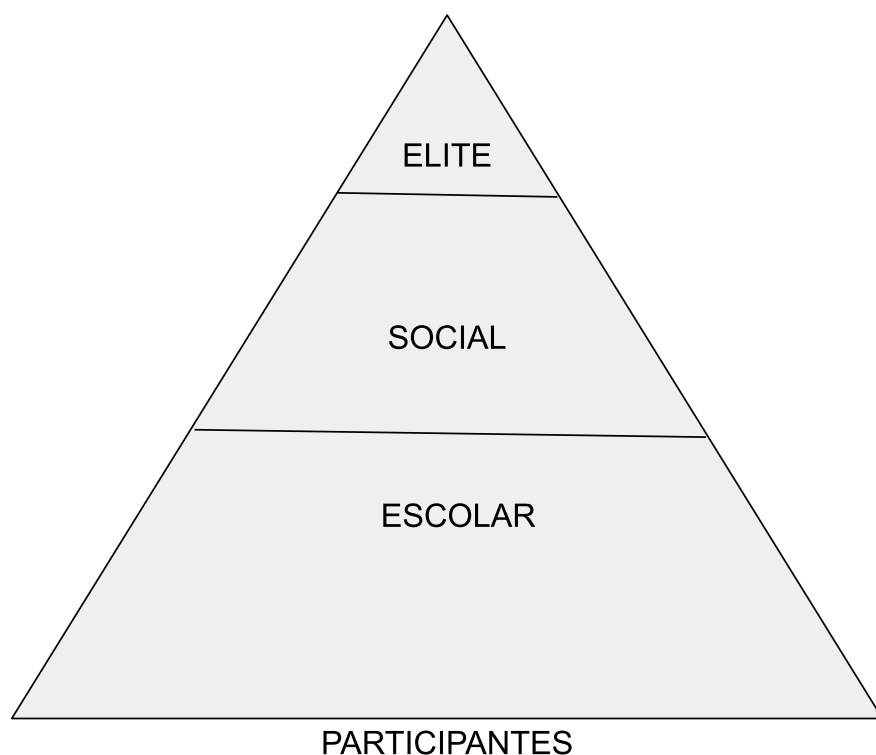
Essa participação ativa dos estudantes nas questões sociais e políticas do país, é bem demonstrada em uma minissérie produzida pela Rede Globo em 1992. Intitulada como “Anos Rebeldes”, a romântica minissérie mostra com clareza a preocupação de alguns estudantes com o cenário político e educacional do país durante o Regime Militar, tendo como protagonista principal um jovem que participava do movimento estudantil.

Percebe-se então que a educação foi um personagem importante no cenário político tanto como ferramenta do Estado para alcançar os seus objetivos, como também foi um grande palco de oposição aos militares e as ideologias impostas pela ditadura militar.

2.3 ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física nesse momento, se mostrou uma grande aliada ao Estado, seja no âmbito educacional, no alto rendimento ou na esfera do lazer. Pois a prática de atividade física, da forma como era entendida, assegurava os interesses dos governantes.

Oliveira (2009, p. 393) entende que o esporte passou a ser bem definido em suas divisões do “modelo de pirâmide esportiva”, e ainda defende que o que a pirâmide mostra é que se pretendia que “[...] toda e qualquer pessoa, independente de idade, sexo, condição social, econômica ou física, desenvolvesse algum tipo de atividade física”, se assemelhando com o pensamento e a divisão feita por Tubino (1993) de esporte rendimento, esporte participação e esporte educação.



“Modelo de pirâmide esportiva”. FONTE: Oliveira(2009, p. 392).

Para facilitar a identificação da atuação da Educação Física de um modo geral na sociedade, partindo do entendimento da supremacia esportivista, deve-se apoiar nas três esferas do esporte defendidas por Tubino (1993), onde ele define no seu livro “O que é o esporte?”, as classificações de esporte de alto rendimento, esporte de participação e o esporte educação.

Com a “Pirâmide esportiva” fica claro localizar as funções atribuídas à Educação Física escolar, sendo a principal delas atuar como um “celeiro” de atletas, isto é, preocupava-se em formar atletas de alto nível para servir de propaganda do sucesso do governo. “A prática da Educação Física escolar assumiu identidade como disciplina de alto rendimento, disciplinadora, essencialmente esportivista, prevalecendo o desenvolvimento biofisiológico da saúde” (Nunes; Miguel, p.11)

Identificando a separação nessas três esferas, conseguimos ter um entendimento melhor da influência que o Regime tinha sob a Educação Física e como lhes foi dado o total incentivo e apoio do Estado, nos novos modelos que lhes eram impostos, então a discussão será dividida seguindo os três eixos:

2.3.1 Na esfera do alto rendimento

Oliveira (2009) afirma que os investimentos em esportes de alto rendimento, ou alta performance na maioria das vezes é dado por meio de instituições privadas, porém essa não foi a realidade do Brasil, pois era interesse do Estado promover a sua propaganda por meio da ascensão esportiva. O autor destaca que: “Espaços esportivos foram construídos massivamente naqueles anos como parte do que muitos chamam de um “projeto de esportivização” da sociedade brasileira”

Os governantes naquele momento queriam fazer do Brasil uma grande potência econômica, e o esporte possibilitaria esse simbolismo, pois como defende Oliveira (2009), as grandes potências econômicas, também dividiam a hegemonia olímpica, ou seja, os Estados Unidos e até então União soviética, além de potências esportivas, eram as duas maiores potências políticas e econômicas, e o Brasil queria alcançar o seu espaço.

Um exemplo que pode ser citado, e que foi abordado por Castellani Filho (1988) são de imagens publicadas pela CNI (Confederação Nacional de Indústrias), que demonstram o quanto existia a preocupação de enaltecer o “Brasil-potência”, e isso fica claro nas frases colocadas nas imagens, como: “Não se mexe em time que está ganhando”, “É nessa garra que cada um de nós deve se inspirar para construir, a cada dia, um futuro melhor e mais digno para este país”, “Lembre-se do exemplo dos nossos atletas. Acredite no Brasil. Acredite em você”.

O Regime Militar enxergou no futebol uma grande possibilidade de controlar as pessoas, popularizando o que era uma prática de pessoas de classe social mais alta, e tornando a grande paixão nacional, soube aproveitar muito bem disso. Oliveira (2009) relata que foi durante esse período que se inaugurou as “loterias esportivas”, o que estabelecia um ranking em relação aos clubes, o que firmava ainda mais os “times tradicionais”.

No ano de 1970, o Brasil conquistou o seu tricampeonato na copa do mundo realizada no México. E essa copa foi repleta de interferências militares na seleção,

começando pela demissão do técnico, pois Oliveira (2009) afirma que o treinador João Saldanha foi substituído da liderança da seleção por ser um comunista assumido, e por ter se desentendido com o então ditador General Médici, justamente por não aceitar interferências do Estado.

Porém, foi também nos estádios de futebol que se assistia a vários atos de resistência e de oposição ao Regime Militar, e isso é muito bem relatado no documentário de Lúcio de Castro, intitulado como “Memórias de chumbo- O futebol nos tempos de condor” exibido no ano de 2010 na ESPN Brasil, e que aborda a forte ligação que os Regimes Ditatoriais possuem sobre o futebol sul-americano, então cada episódio retrata a realidade dos países que passaram por Regimes Militares.

No episódio sobre o Brasil, o documentário traz diversas informações que aconteciam fora das quatro linhas, mas que acabavam sendo uma manipulação dos governantes militares, pois o futebol seria uma paixão nacional controlada pelo Estado. O auge do tricampeonato, e o milagre econômico como mostrado no documentário, desviam a atenção da população do maior período de tortura e de repressão do governo militar.

Um dos casos mais impactante pela redemocratização, foi o movimento da “Democracia Corinthiana”, que aconteceu no Sport Clube Corinthians, no período de 1981 a 1985, que começou com o intuito de que houvesse uma participação de todos os trabalhadores nas decisões do clube, e acabou se expandindo para as questões políticas do país, como afirma Martins e Reis (2014, p.) ao dizer:

Neste período, foram estabelecidas formas menos autoritárias de gestão do clube e da equipe, tonando-se possível a participação dos jogadores em processos de tomada de decisão. Ademais, a Democracia Corinthiana pode ser considerada um momento no qual se constituiu a possibilidade de uma maior conscientização política no futebol, uma vez que parte dos jogadores participaram também dos embates daquele contexto na campanha “Diretas-Já” .

Esse movimento tinha como um dos líderes Sócrates, jogador ídolo do Corinthians, formado em medicina e um grande ativista político, mas que contava com grandes jogadores que se posicionaram politicamente como Walter Casagrande e Wladimir. Martins e Reis (2014) ao falarem sobre o líder do movimento, afirma que “A vivência democrática se concretizava para Sócrates na discussão de “todos os assuntos, desde relacionados à profissão até a situação em que o país se encontra”

Outro caso foi o do jogador Reinaldo, do Clube Atlético Mineiro, que como coloca Silva (2018) foi um dos grandes inimigos do governo militar, por seus posicionamentos políticos dentro e fora de campo, pois Reinaldo ao marcar gols, comemorava com o punho erguido (Gesto do movimento dos panteras negras dos Estados Unidos), e ainda conclui que seu posicionamento político acabou prejudicando a sua carreira:

[...] o que ocasionou no corte do jogador durante a Copa do Mundo de 1978 e o desaparecimento de seu nome da convocação para a seleção que disputaria a Copa do Mundo de 1982, tornando sua trajetória pela Seleção Brasileira muito mais breve do que poderia, ou deveria, ter sido.” (Silva. 2018. p..28).

Percebe-se então que o futebol também foi palco de movimentos a favor da democratização, de protestos e resistência contra o Regime, e figuras como João Saldanha (O João sem medo), Reinaldo, Wladimir, Casagrande, Sócrates e inúmeros outros atletas de outras modalidades esportivas, protestavam e mostravam-se insatisfeitos com a realidade em que o país estava inserido.

O esportes de alto rendimento se tornou uma das prioridades do governo, pois como defende Oliveira (2009), às características do esporte, como o ideário de disciplina, hierarquia, autoridade, obediência, regras e o patriotismo são próximas dos “valores” militares. E além disso, o sucesso dos atletas e equipes nacionais, principalmente em campeonatos internacionais e mundiais, serviu como uma propaganda do Regime, e como dito anteriormente, desviou um pouco a atenção da população dos problemas sociais e políticos do país.

Deve-se perceber que o Regime Militar trouxe também benefícios a Educação Física, como Oliveira (2002) cita que nesse momento iniciou-se fortes investimentos ao incentivo da prática esportiva, principalmente no que se diz respeito à infraestrutura, pois Castellani Filho (1988) também afirma que foi a partir dos incentivos dos militares que às construções de campos, quadras, piscinas para a prática esportiva, destacando que esses investimentos eram necessários para que desempenhasse uma função social em benefício do Estado.

2.3.2 Na esfera da participação

Saindo um pouco da performance esportiva e do alto rendimento, localiza-se outra preocupação do governo dos militares, mas que ainda sim tinha o objetivo de

tornar o “Brasil Potência”. O que é exposto por Oliveira (2009) é que nesse momento existiu um grande investimento no que ficou conhecido como “projeto de esportivização da sociedade brasileira”.

Como defende Frizzo e Souza (2019) a esfera econômica e produtiva necessitava de um “novo tipo” de homem, que reproduzisse a ideologia imposta pelo capitalismo, de uma maneira que seguisse de forma até alienada a ordem trabalhista.

Esse novo homem também é evidenciado por Oliveira (2009) ao afirmar que por outrora a visão de que a nação se faz de homens e livros, a partir do forte incentivo da indústria do esporte que era parte da política do Regime, agora a nação se fazia por homens e mulheres esportivos.

Entendendo isso, percebe-se que a população brasileira passou a ter uma maior incentivo a prática de atividades físicas, e muito dos investimentos do governo eram dedicados ao “equipamento básico urbano”, que “[...] caberia ao Estado oferecer a infraestrutura necessária (equipamentos, espaços, pessoal especializado etc.) para que os indivíduos pudessem desenvolver as suas atividades físicas no espaço da cidade”.(Oliveira, 2009, p. 398).

Nesse sentido, Oliveira (2009) ainda defende que junto a esses investimentos, ocorriam diversas campanhas para que a população aderisse a um estilo de vida mais saudável e ativo, então eram combatidos o uso de cigarro, álcool, a preguiça e o ócio. Além disso, trabalhavam numa ideia de vida comunitária, harmonia social e qualidade de vida.

Ou seja, o Estado teria um controle social do tempo livre da população e além disso o dotaria de saúde, tornando-os eficientes para a produtividade. Oliveira(2009) defende esse ponto de vista ao afirmar que administrar o tempo dos indivíduos tornando-os mais eficientes agregaria ao modelo societário imposto, de competitividade e produtividade. Castellani Filho (1988) também aponta sobre os interesses dos militares quanto à oferta de atividades físicas para a população, pois “[...]trabalhadores bem preparados fisicamente produzem mais e melhor.” (Castellani Filho, 1988. p. 113).

Castellani Filho (1988) ainda conclui o seu ponto de vista sustentando que os funcionários, operários e trabalhadores, ao participarem dos projetos de esportivização, resultaria em uma maior produção, teriam assim conseguido investir

em termos de humanismo, pois os trabalhadores iriam mais “alegres” e mais cooperativos do que omissos.

2.3.3 Na esfera da Educação

Diante de todo o cenário político durante o Regime, existiram modificações nas esferas de serviço e administração pública, destacando-se no momento a educação. E partindo disso surgem os questionamentos que norteiam o interesse principal da pesquisa, o de buscar entender como eram as aulas, quais as metodologias utilizadas na disciplina de Educação Física, bem como de analisar como se portava o professor de Educação Física no ambiente escolar, entendendo que nesse momento foi enfatizada as atribuições e assimilações a de um treinador.

Deve ficar claro, que a educação é uma prática sociopolítica e que são feitos planos para atingir os interesses do governo. Como é colocado, “[...] a educação é uma prática política ao manifestar e instituir concepções de sociedade, de relações sociais (individuais, de grupos, de classes), de divisão social do trabalho” (Scocuglia, 2018. p.28)

Com o regime militar não foi diferente, a educação passou por reformas e alterações que buscavam alcançar os interesses dos governantes militares. Apoiado por Miguel e Nunes (2021), a educação passou a ter um caráter tecnicista e que visava a melhoria na produtividade do mundo do trabalho.

Ainda segundo Miguel e Nunes (2021, p.3) “a tecnicização do ensino patrocinada pelo governo teria como premissa básica a disciplinarização, a normatização, o alto rendimento e a eficácia pedagógica”. E é nesse momento que a Educação Física começa a ter um maior protagonismo nos processos educacionais.

A Educação Física segundo Castellani Filho (1988) teve o seu caráter instrumental reforçado, já que nesse instante uma das funcionalidades da disciplina seria de preparação e manutenção para a força de trabalho, ou seja, o adestramento físico e a preparação para a mão de obra ser qualificada e capacitada fisicamente.

Seguindo ainda o que é apoiado por Castellani Filho (1988), a disciplina de Educação Física caracterizava-se no “fazer por fazer”, não seguia nenhuma reflexão teórica daquilo que estava sendo proposto. Ou seja, as atividades desenvolvidas

eram apenas para construir a “aptidão física”, de forma mecânica e tecnicista, coerente aos interesses que o Estado pretendia com a disciplina.

De acordo com Miguel e Nunes (2021), esse caráter instrumental ficou ainda mais forte depois das reformas educacionais, no ambiente escolar, o Decreto nº 69.450, de 1º de Novembro de 1971, que garantia a disciplina de Educação Física a sua obrigatoriedade em todos os currículos e graus de qualquer ensino.

Porém essa obrigatoriedade não significava a participação de todos, pois a forma como a disciplina é abordada no período da ditadura era totalmente excludentes, pois priorizava os “mais aptos”. Isto é discutido pelos autores, ao afirmarem:

O Decreto-Lei citado impôs padrões de referência para a prática da atividade na Educação Física escolar, caracterizando a esportivização da Educação Física, cujo objetivo seria aprimorar as forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, excluindo aqueles que ainda estariam em processo de aquisição desses objetivos, formando assim um “homem ideal” para a educação nacional. Na realidade, uma pedagogia da exclusão (Miguel; Nunes, 2021. p.10).

Das atividades desenvolvidas pela Educação Física, segundo Oliveira (2002 p.3), as práticas esportivas eram as mais prestigiadas, pois alcança as pretensões de controle do Estado, e ainda conclui afirmando:

Assim, o conjunto de práticas corporais passíveis de serem abordadas e desenvolvidas no interior da escola resumiu-se à prática de algumas modalidades esportivas. As práticas escolares de educação física passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a repetição, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas.

Além do esporte ser disciplinador, conter regras, trabalhar a aptidão física e ser um fenômeno cultural mundial, Oliveira (2009) ainda traz que os militares enxergavam no ambiente escolar um cenário favorável para ser um “celeiro de atletas”, atletas estes que seriam treinados para ter sucesso internacional e servir como propaganda do governo, como vimos anteriormente. Ou seja, a Educação Física escolar passou a valorizar a performance esportiva.

Não é coincidência que os JEB's (Jogos Estudantis Brasileiros) e o JUB's (Jogos Universitários Brasileiros) receberam um forte apoio dos militares, pois segundo Oliveira (2009) esses campeonatos passaram a receber um direcionamento e uma melhor estruturação durante o Regime, pois se iniciava no interior das escolas e tomava dimensões municipais, estaduais e nacionais.

Outro ponto importante que deve ser comentado, e que também é defendido por Ghiraldelli Junior (1991) é que era passado para os alunos que deveriam dar o seu melhor, e que o esporte seria o caminho mais fácil para que crescessem profissionalmente e socialmente, uma ideia de esporte como remédio social.

Oliveira (2009. p.394) também concordou com isso, ao afirmar que a visão que o reconhecimento social chegaria mediante o seu sucesso esportivo era disseminado no período do Regime ao afirmar “Também se desenvolveu uma retórica para qual o esporte retiraria os indivíduos da pobreza e os conduziria a uma vida de sucesso e conforto material”.

Nota-se então que a Educação Física escolar foi dando passos afastados das metodologias da tendência Pedagogicista. Ghiraldelli Junior (1991) retrata a nova tendência trazida pelos militares e pelo ensino tecnoburocrático, a tendência Competitivista/ Esportivista era a que norteava as novas metodologias pedagógicas.

Porém não foi apenas no âmbito da educação básica que sofreu alterações durante o Regime Militar, além da escola, as universidades também passaram por reformas que estavam inteiramente ligadas à disciplina da Educação Física, como dito anteriormente a reforma da Lei nº 5.540/68, e nº. 5.692/71 garantia a obrigatoriedade da Educação Física também nos cursos superiores.

Oliveira (2009) aponta que a obrigatoriedade da prática de atividades físicas no ensino superior se dá com o intuito de desviar a atenção dos universitários dos problemas sociais e políticos que o Brasil estava passando, as torturas, as mortes, e prisões eram “afastadas” do conhecimento popular por meio da censura, e no caso, também pela “ocupação” dos universitários nas práticas esportivas.

Ao tratar da presença obrigatória da Educação Física nos cursos de ensino superior, quem divide esse mesmo ponto de vista é Oliveira (2009) ao afirmar que:

A universidade pode ser entendida como um lugar potencial para formar uma mentalidade nacionalista, ufanista, e o esporte um elemento da cultura potencialmente afeito à disseminação do nacionalismo o que interessava a sobremaneira aos governos ditatoriais brasileiros (Oliveira, 2009, p.405)

Diante de tudo que foi exposto, fica claro que na esfera educacional quem cumpria o papel de estabelecer interesses do governo, seja na preparação física para produtividade, no celeiro de talentos esportivos, na propaganda do governo e até mesmo no desvio de atenções políticas e sociais, era a Educação Física.

3. METODOLOGIA

O presente estudo, trata-se de uma pesquisa de campo de natureza descritiva, pois como defende Gil (2002) ela tem como objetivo principal a descrição das características de um dado fenômeno ou população, que no caso, é descrever sobre o ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB, durante o período do Regime Militar, mais especificamente entre o período de 1971-1974.

Em um primeiro momento, foi realizada uma revisão da literatura já produzida acerca do tema, cumprindo uma fundamentação teórica necessária para a compreensão do que se deseja analisar, coletando por meio de livros, documentários, e artigos encontrados nas plataformas do Google acadêmico e Scielo.

O estudo foi submetido ao comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba, recebendo a sua aprovação e o parecer para que se desse início ao procedimento de coleta de dados com a amostra da pesquisa.

Partindo assim para a segunda etapa, a pesquisa desloca-se para o campo, que segundo Gil (2002) é o momento que o pesquisador tem uma experiência direta com o que está sendo estudado, para assim corroborar ou refutar o que foi exposto anteriormente. Para o estudo, o instrumento de pesquisa escolhido foram entrevistas semi estruturadas com ex-alunos da cidade de Campina Grande-PB, que vivenciaram o contexto escolar dentre o período de 1971-1975, entendendo que foi o momento de maior repressão e autoritarismo do regime, e também que foi em 1971 que se estabelece o Decreto nº 69.450, de 1º de Novembro de 1971.

Os critérios estabelecidos para a participação da entrevista foram os seguintes: Ambos os sexos, que possuíram a Educação Física no currículo escolar, que estudaram em escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande-PB, dentro do período determinado e que aceitaram participar, assinando o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE”.

Para se chegar até a amostra da pesquisa, foi utilizado a plataforma digital Facebook, especificamente uma comunidade denominada “Ex alunos do estadual da prata”, na qual se apresentou como uma potencialidade para localizar os entrevistados.

Dessa forma, foi realizado o contato com um dos integrantes dessa comunidade, na qual foi apresentado a proposta e o objeto de estudo da pesquisa. Por meio desse primeiro enquadramento, e utilizando-se do método “bola de neve”, os demais sujeitos foram sendo localizados por meio das indicações dos entrevistados, ou seja, eles indicam possíveis sujeitos que se enquadram na amostragem de estudo, por isso o nome de bola de neve, pois a amostra vai crescendo.

O total da amostra foi formado por oito participantes, na qual cinco (62,5%) eram do sexo feminino, e três (37,5) foram do sexo masculino. Dos entrevistados seis (75%) possuem formação com o ensino superior completo, 1 (12,5%) com formação de ensino médio completo e 1 (12,5%) com ensino médio incompleto.

Vinuto (2014) afirma que esse método de pesquisa trata-se de uma amostra não probabilística, que se utiliza de cadeias de referência. É importante salientar que este método de pesquisa se torna ainda mais eficaz quando a população investigada é de difícil acesso e de serem estudadas, com isso a autora ainda coloca:

Localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista (Vinuto, 2014, p.3).

O instrumento de pesquisa foi uma entrevista semi estruturada, gravada pelo aplicativo de gravador de voz do próprio smartphone do pesquisador, posteriormente sendo transcrita e categorizada para a análise dos dados.

Por fim, a pesquisa possui um caráter qualitativo da análise dos dados, pois no seu objeto de estudo, o interesse não está em quantificar os resultados e sim em identificar e categorizar os significados e valores atribuídos a Educação Física, sob a perspectiva de quem vivenciou essa disciplina no período dos “Anos de chumbo” do Regime Militar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos nas entrevistas foram transcritos e categorizados, como forma de facilitar no momento de análise dos resultados. As tabelas apresentam um mapeamento do ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB no período dos anos de chumbo (1971-1974), e a análise de caráter qualitativo está presente nas discussões tomadas pelo que foi obtido nos discursos dos entrevistados.

Inicialmente, destacamos em que setor da educação os entrevistados estavam inseridos, pois consideramos que a depender da instituição, isto é, se for pública ou privada, poderia haver uma interferência maior por parte do Estado nas decisões internas.

Tabela 01. Rede de ensino de formação escolar dos participantes

	Frequência	Porcentagem
Particulares	2	25%
Públicas	6	75%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Dentre as pessoas entrevistadas, seis estudavam em escolas da rede pública, o que corresponde 75% da amostra, e apenas duas estudavam em escolas particulares, 25% dos entrevistados. Isso sugere que naquele momento a busca em estudar em escolas públicas eram maiores, como afirma a entrevistada 7 ao falar da Escola Estadual Elpídio de Almeida, conhecido popularmente como Estadual da Prata, e como o gigantão: "O Gigantão", porque ele realmente era um "gigantão", o tamanho da escola e também ele tem uma capacidade muito grande de absorver as pessoas de toda aqui a região"

Como dito anteriormente, dos entrevistados, (75%) possuem formação com o ensino superior completo, (12,5%) com formação de ensino médio completo e (12,5%) com ensino médio incompleto. Essa análise se torna importante pois percebe-se que naquele dado momento muitos podem não entender o que estava

ocorrendo no cenário político, passando a entender, quando tiveram acesso a estudos mais aprofundados..

Como fica confirmado na fala do entrevistado 3 ao apontar para a hipótese de que o entendimento dos mecanismos de controle do estado vem surgir depois, ao dizer “Não havia ainda capacidade crítica para compreender tudo aquilo. Mas eu sei disso e faço essa análise hoje. No momento, a gente não tinha essa ideia né, na realidade a ditadura [Nome do entrevistador], tudo era proibido, tudo era censurado”

Tabela 02. Conteúdos Aplicados na Educação Física

	Frequência	Porcentagem
Exercícios Físicos	7	87,5%
Atletismo	1	12,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Como foi relatado anteriormente, o ensino da Educação Física durante o período do regime ditatorial, seguia a lógica da tendência competitivista ou esportivista, e como o próprio nome já diz, a disciplina se sustentou no conteúdo de esportes. Isso se torna claro quando Ghiraldelli Junior (1991, p.20) defende que “Aqui a Educação Física fica reduzida ao ‘desporto de alto nível’. A prática desportiva deve ser ‘massificada’, para daí poder brotar os expoentes capazes de brindar o país com medalhas olímpicas”.

Os exercícios físicos e o atletismo, sendo compreendido como um esporte de base para todos os outros esportes, confirmam a Educação Física atrelada ao paradigma da aptidão física. Mas porque será que em Campina Grande-PB, os esportes ainda não estavam tão presentes na aula de Educação Física, seria falta de infraestrutura ou falta de quadro técnico? Por meio desse questionamento, podem ser desenvolvidos diversos estudos que busquem identificar esse panorama na cidade.

A fala da entrevistada 4 situa quais os exercícios que eram propostos nas aulas de Educação Física, quando coloca “As atividades era com corrida, aqueles exercício comum de polichinelo,era exercício de movimento de braço, perna, que chama de aeróbico”.

Dessa forma, a Educação Física buscava proporcionar aos alunos somente a aptidão física e recreação, por isso nesse momento priorizava-se aulas que enfatizam a performance dos alunos, a manutenção do condicionamento físico, deixando de lado o caráter educativo do componente curricular.

Os dados obtidos na entrevista confirmam essa realidade no ensino da disciplina, tendo em vista que 87,5% dos alunos afirmaram que a aula de Educação Física se resumia na prática de exercícios físicos para o aprimoramento do seu condicionamento físico, corroborando com o que é dito por Oliveira (2002) que esse é o principal interesse do estado, formar indivíduos fortes e saudáveis, tanto para a mão de obra de produção, como também para contar com um maior protagonismo esportivo em campeonatos mundiais.

Ao ser perguntado sobre os conteúdos que eram desenvolvidos, 87,5% dos entrevistados seguiam a mesma lógica de aula/treino, voltado a obtenção de condicionamento físico, "Os conteúdos eram aqueles exercícios básicos, que eu me lembro, fazia agachamento, fazia polichinelo, fazia apoio de frente" afirma o entrevistado 3.

Algo que confronta o que era exposto pelos autores é a presença dos esportes nas aulas de Educação Física, já que apenas um afirmou que o conteúdo desenvolvido eram os esportes de marca, o atletismo. Porém, a presença está marcada na participação das equipes esportivas, algo que será exposto e analisado na tabela 8 .

Tabela 03. Influência do Regime Militar nas instituições de ensino

	Frequência	Porcentagem
Existia influência na escola	4	50%
Não existia influência na escola	4	50%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

A forma como se sustenta o tecnicismo dentro da educação, se dá por conta da influência da classe dominante, que enxergavam nas escolas o principal ponto de partida para disseminar as ideologias do Regime. Então a Educação Física entra nesse momento, com o seu caráter competitivista do esporte, como uma forma de educar os jovens com uma racionalização despolitizadora.

Isso é exposto por Ghiraldelli Junior (1991), quando ele afirma que a Educação Física e o “desporto de alto nível” tinha uma função de atuar como um analgésico no movimento social, pois ocupando a população com isso, iria canalizar as energias e deixar de lado as preocupações com os problemas sociais.

Ao serem perguntados sobre a influência do regime ditatorial, do exército nas suas instituições de ensino, percebe-se que 50% dos entrevistados afirmam que existia sim um certo controle, outros desconhecem a existência de algum mecanismo por parte do regime.

Destaco o trecho da fala do entrevistado 1 ao ser perguntado se existia influência do regime militar na instituição na qual estudava, e sua resposta foi: “sim porque era um período aonde as escolas eram bastantes eu não digo o termo vigiadas, mas tinha uma certa limitações das nossas atividades por conta do exército”.

Outro depoimento que destaca os mecanismos de controle existentes naquele período e que vai a um extremo, foi o da entrevistada 8, que retrata sobre a perseguição sofrida dentro da escola, ao falar sobre ela afirma: “Demais, demais mesmo. Nesse período, se não me engano era Médici onde foi um período terrível em nossas vidas, porque foi uma perseguição grande. Meu pai foi preso, foi torturado [...] então, o peso disso na sala de aula era grande para gente, porque é aquela coisa você é filho de comunista, é terrível ser taxado como filho de comunista né [...] inclusive eu fui expulsa do São Vicente no período anterior na frente de todos os alunos: [entrevistada cita seu nome], filha de comunista herege, se retire dessa escola porque não lhe cabe aqui”.

A fala da entrevistada 7 vem contrariando os depoimentos anteriores, ao relatar que não sentia influência do Regime Militar na instituição, mas vale ressaltar que ela ainda afirma que existia uma diferenciação no ensino, mas que não se notava por conta do não envolvimento com a política, naquele momento a censura não permitia a veiculação de informações políticas, isso percebe-se quando ela afirma “Não, não dava para perceber não. Devido ao meio que a gente vivia, não dava para sentir. Mas assim existia sim diferenciação [...] eu acho que não dava para perceber porque assim em termos de política a gente não se envolvia”

Com esses depoimentos percebe-se então que nas escolas existia por menor que seja, um controle do exército na formação desses alunos, porém era algo muito

censurado, que não se comentava, então muitos dos alunos não percebiam o que estava acontecendo e até os dias atuais desconhecem a natureza dos fatos.

Fazendo uma ponta com a análise da Tabela 1, percebe-se que dos seis alunos que estudavam em escolas públicas, três afirmaram que sentiam influência do Regime, e dos dois entrevistados das escolas particulares, apenas um sentia impacto do regime. Ou seja, 50% dos alunos em ambas as instituições, diziam sentir influência do governo.

Tabela 04. Perfil do Professor de Educação Física

	Frequência	Porcentagem
Legal/Flexível	7	87,5%
Rígido	1	12,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Algo comum nas escolas, é o afeto dos alunos com o professor de Educação Física, isso acontece por ser uma disciplina que funciona como o momento dos alunos “respirarem” da monotonia do ensino tradicional, de terem mais liberdade. Mas como era o perfil do professor durante o período recortado?

Além desse papel moralizador da sociedade, o professor deveria promover o aprimoramento da aptidão física, sustentado sobre os avanços nas áreas de fisiologia, biomecânica e treinamento desportivo. Ressaltando que o professor deveria ter um papel de líder, de condutor dos jovens e que não deveria se intimidar com as minorias ativas, Ghiraldelli Junior (1991).

A tabela 4, apresenta que mesmo diante da realidade do contexto político e educacional, o professor de educação física ainda era atribuído com adjetivos como “legal”, “dedicado”, “flexível”, e apenas um dos entrevistados atribuiu o termo “rígido” ao ser perguntada sobre o perfil do professor de Educação Física.

Destaco aqui a fala do entrevistado 2, quanto à metodologia e o estilo de ensino que o professor seguia, isto é, a forma que ele conduzia sua aula, o entrevistado aponta que recorda do “[...]professor lá na frente gritando “Vamo, bora, 10, 15, 20, vamos lá, fazendo” ditando os comandos dos movimentos.

Outra afirmação que corrobora para analisarmos o perfil do professor é com a fala do entrevistado 3: “a relação professor-aluno era uma relação de muita autoridade, não havia questionamento. Então ele chegava, a gente chegava no

horário marcado no pátio do colégio e dizia ‘Tá na hora, vamo fazer’ e começávamos a fazer aqueles exercícios que ele ficava na frente da turma orientando.”

Diante do exposto pelo entrevistado 3, confirma-se o que os autores referenciados relatam acerca do professor de Educação Física, como aquela figura militarista, que exigia ordem e que dava vozes de comando para que os alunos reproduzem o que estava sendo solicitado, ou seja, o professor no centro do processo e os alunos como mero repetidores, sem nenhuma participação na escolha e na construção do conhecimento.

Tabela 05. Separação por sexo

	Frequência	Porcentagem
Ambos os sexos	1	12,5%
Sexos separados	7	87,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Durante esse período, as mulheres já podiam participar das aulas de Educação Física, porém, ainda era reforçado o pensamento machista do papel da mulher na sociedade, ou da “fragilidade feminina”. Em 1965, o CND declara a deliberação N°7, que em um dos seus artigos reafirma essa colocação: “N° 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”.

Os dados obtidos confirma a participação das meninas nas aulas de Educação Física, porém nas modalidades específicas e em horários diferente dos meninos, isto é, nas aulas de Educação Física, existia separação por sexo das turmas.

Apenas um entrevistado, afirmou que em suas aulas havia a presença de ambos os sexos, mas com superioridade masculina, ao apontar “Bom, a nossa, como a gente tinha mais atividade de atletismo, as mulheres eram poucas, mais em período de competição mesmo, porque o grupo de atletismo nosso era mais composto de homens, é as mulheres em uma atividade de corrida, praticamente não tinha”.

Das entrevistadas do sexo feminino, que correspondem a cinco (62,5%) da amostra total, todas participavam das aulas de Educação Física, e três participavam

das equipes esportivas da escola, sendo duas na modalidade do handebol e uma no vôleibol. Reforçando que essas seriam práticas esportivas femininas, diferentemente do futebol, futsal, por exemplo, que ainda hoje são compreendidos por algumas pessoas como “esportes masculinos”.

Tabela 06. Quantidade de aulas por semana

	Frequência	Porcentagem
Até 1x	1	12,5%
2x	4	50%
3x ou mais	3	37,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

As aulas de Educação Física aconteciam no contraturno, isto é, eram realizadas no horário oposto ao das aulas, isso acontecia pelo fato das aulas serem somente práticas, e entra a discussão do suor, da euforia dos alunos, já que se priorizava apenas a dimensão procedimental da Educação Física.

O que se percebe pelos dados obtidos é que existia uma maior frequência de aulas de Educação Física em relação aos dias atuais, tendo em vista que o número de aulas semanais em 37,5% das escolas mencionadas passava-se de três aulas por semana, funcionava dessa maneira para que se alcançasse uma melhoria no condicionamento físico dos alunos, pois seriam necessários mais encontros para as alterações orgânicas acontecessem, o que é coerente aos objetivos e interesses do Estado durante o Regime.

Diante do que está sendo exposto na tabela 6, 50% dos alunos (4 entrevistados) afirmaram que tinham duas aulas de Educação Física por semana, e apenas um dos entrevistados (12,5%) afirmou ter apenas uma aula durante a semana.

Tabela 07. Metodologia de aula

	Frequência	Porcentagem
Prática	8	100%
Teórica	0	0%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Para que se faça mais clara a discussão, é importante entender as dimensões do conhecimento, Darido (2003) defende que o processo de ensino e aprendizagem devem contemplar as três dimensões do conhecimento (Procedimental, atitudinal e conceitual), defendendo o ponto de vista de que o professor deve buscar fazer uma articulação entre aprender a fazer, a saber por que está fazendo e como relacionar-se neste fazer.

Com os interesses do estado bem definidos em relação à formação dos alunos, a metodologia de ensino não teria como ser diferente, e isso se comprova quando 100% da amostra afirma que as aulas de Educação Física se resumiam apenas a prática, sem que houvesse nenhuma discussão teórica a respeito dos conteúdos.

Percebe-se então que o ensino da Educação Física nesse momento, se fundamenta apenas sob a perspectiva da dimensão procedimental, pois não se preocupa em promover reflexões críticas, teóricas, acerca do que está sendo estudado, e sim, apenas no ensino técnico dos exercícios e esportes, como visto nas tabelas anteriores.

Atletas promissores, e uma mão de obra condicionada ao trabalho não exigia da disciplina discussões teóricas, muito menos as reflexões atitudinais, então o campo do “saber fazer” agora era o que orientava a metodologia das aulas de Educação Física.

É importante salientar que não é a aula prática ou teórica que vai definir o seu caráter, pois em uma aula prática, o professor pode está contemplando as três dimensões do conhecimento, inclusive a conceitual, que de forma equivocada, pensamos que só pode ser desenvolvida em aulas teóricas.

Porém o que define o estreitamento apenas no procedimental é o caráter tecnicista das aulas de Educação Física naquele período, e isso fica claro no relato do entrevistado ao afirmar “[...] eu lembro por exemplo a gente correndo ali em torno do Açude Velho com o professor acompanhando aquele grupo da minha escola, mas não havia nenhum questionamento em respeito dessa disciplina, a respeito dessa prática, por dois motivos: primeiro que a gente não tinha aquela capacidade crítica, capacidade de compreensão, a respeito dessa disciplina”.

A fala do entrevistado 3, corrobora ao que era exposto pelos autores, de não existir discussões conceituais, reflexões, discussões da origem, dos fundamentos

históricos, até mesmo fisiológicos, pois era apenas exigido a execução técnica, mecânica, do que era proposto pelo professor.

Tabela 08. Participação de modalidades específicas

	Frequência	Porcentagem
Não participava da equipe	3	37,5%
Participava da equipe	5	62,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

O que deixa ainda mais evidente que um dos interesses do Estado sob a Educação Física era o da criação de atletas de alto nível, para competir internacionalmente e fazer a propaganda do governo, foi a separação da disciplina de Educação Física na rede escolar.

Existia nesse momento a Educação Física destinada às elites, que eram os alunos que já tinham um conhecimento prévio dos esportes e integravam as “turmas de treinamento”, e uma destinada aos demais, que não tinham nenhuma iniciação desportiva, que ocupavam as “turmas normais de ginástica” (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991).

A fala do entrevistado 3 confirma que a Educação Física funcionava como um celeiro de atletas, o professor desempenhava a função de “olheiro” para que se descobrissem novos talentos esportivos que vinhessem a enaltecer o “Brasil-potência”, quando ele fala “Então eram selecionados dentro do decorrer das atividades, o professor tinha uma visão daquele atleta e aí fazia a seleção e tinha um treinamento mais específico.”

Dentre os entrevistados, 62,05% participavam dessas “equipes”, que eram formada pelos melhores atletas como dito anteriormente, o treino geralmente acontecia no contraturno das aulas e as modalidades citadas pelos entrevistados foram: Handebol (3 entrevistados), Atletismo (1 entrevistado) e Voleibol (1 entrevistado), os demais não participavam de nenhuma equipe, porque pela logística de seleção, não atendiam aos pré-requisitos de um bom atleta, então só participavam das “turmas normais de ginástica”.

Miguel e Nunes (2021) retratam muito bem que a Educação Física passou a ter uma pedagogia excludente, pois priorizava aqueles que possuíam “maior aptidão” e maior habilidade em determinada prática esportiva.

Fica claro essa divisão ao destacar a fala do entrevistado 5: “ eu lembro que ele botava aqueles que eram mais habilidosos, para formar as turmas, para quando chegassem os jogos estudantis, mas eu não tinha habilidade não.” Isso mostra como acontecia essa segregação de talentosos e menos habilidosos, pedagogia excludente, pois muitos alunos deixavam de participar das equipes e também de vivenciar campeonatos estudantis que muito contribui para a formação dos alunos.

Tabela 09. Interesse dos alunos nas aulas

	Frequência	Porcentagem
Gostavam	7	87,05%
Obrigaçã	1	12,05%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

Ao ser perguntada sobre o interesse dos alunos nas aulas de Educação Física, a entrevistada 8 faz a seguinte afirmação “Eu fui muito feliz nas aulas de Educação Física, era uma respiração, na verdade a Educação Física para a escola como um todo era uma respiração, porque era um momento que a gente podia ficar mais à vontade”. Isso retrata o que é a disciplina para os alunos, um momento de descontração, recreação, de euforia, de ter uma maior liberdade.

Outro depoimento que confirma uma grande aprovação por parte do alunado, se faz presente na fala da entrevistada 2, na qual ela fala sobre a participação dos alunos nas aulas de Educação Física, “Eram muito participativos, gostavam, não perdia os treinos, como tinha os jogos era do mesmo jeito, era muito bom naquela época”

Esse fato, contribui para a aceitação da disciplina e do professor para com o alunado, tanto que 87,5% dos entrevistados afirmaram que os alunos gostavam de participar das aulas de Educação Física, e que era a matéria mais aceita pelos alunos.

Apenas um dos entrevistados colocou que tinha que participar pelo fato da disciplina estar presente no currículo da escola, ao apontar: “faziam mais por obrigação, porque fazia parte, tinha que fazer como outra disciplina qualquer” fala do entrevistado 3. Inúmeras são as possibilidades de não aceitação da disciplina, porém o que a conversa nos indica é que o entrevistado não possuía habilidades esportivas, e desempenhasse um papel mais tímido, o que se confirma na tabela 11.

Tabela 10. Presença de algum militar na instituição

	Frequência	Porcentagem
Tinha a presença de militar	1	12,5%
Não tinha a presença de militar	7	87,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

A tabela 10 expõe o que foi obtido ao serem perguntados sobre a presença de militares na instituição em que estudavam, seja no corpo docente ou desempenhando alguma função na comunidade escolar, 87,5% dos entrevistados afirmaram que não havia a presença de nenhum na equipe escolar, ou que desconheciam o fato.

Somente uma das entrevistadas afirma que sabia da existência da presença de um militar na instituição, mas era algo desconhecido para os demais alunos, ela ainda aponta:

“que era diretor da escola geral, ele era militar. E o estilo que a gente se formava era todo militar. Mas contratado para dentro da escola, eu não sei. Como o diretor era militar, ele devia ter algumas práticas, mas eram coisas muito veladas, muito abafadas. Não eram comentadas de maneira nenhuma” (Entrevistada 8)

Com a exposição da fala da entrevistada 8, percebe-se que a maioria dos alunos desconheciam a presença de militares na escola, porque quando existia, seja no corpo docente ou no quadro de profissionais, eram informações censuradas, que não se comentavam.

Na fala da entrevistada 4, expõe a presença de militares na sua instituição de ensino, em datas ou eventos comemorativos, quando a entrevistada afirma que “[...] nesse colégio que eu estudava, o Pio XI, que sempre o exército aparecia quanto tinha eventos assim de comemorações, dia da bandeira, dia da independência, aí havia, vinha sempre o exército para organizar a gente”.

A entrevistada 5, também confirma a presença de militares em alguns momentos da sua formação escolar. Ao ser perguntada sobre, ela expõe que o exército se mostrava presente ao afirmar “Tinha, quando era nos 7 de setembro durante os ensaios quem ensinava a gente era o exército.”

Ainda na fala da entrevistada 4, pode ser feita uma relação com o que é exposto por Oliveira (2009) ao enfatizar que nesse momento o Estado pretendia

mais do que nunca, formar indivíduos patriotas. Isso se confirma ainda mais quando ela fala “O exército ia pra escola e organizava as turmas no pátio grande e formava as turmas, aí falava o que era aquele dia, o que significava, aí a gente cantava o hino”

Diante do que foi exposto, a análise que pode ser feita, é que o caráter tecnicista, autoritário e esportista das aulas não eram definidos pela presença de um militar na instituição, pois essa influência já existia sobre o sistema educacional como um todo, o que definia uma lógica de ensino.

Tabela 11. Participação pessoal nas aulas

	Frequência	Porcentagem
Ativos/protagonistas	7	87,5%
Coadjuvante	1	12,5%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

O protagonismo tomado na disciplina de Educação Física na maioria das vezes se dá pelos alunos que possuem maior habilidade nas práticas corporais, principalmente quando a Educação Física é resumida ao aspecto procedimental, pois afasta de possibilidade dos alunos participarem ativamente da construção do conhecimento nos conceitos e nas reflexões atitudinais.

A tabela acima apresenta que 87,5% dos entrevistados se consideravam participativos nas aulas de Educação Física como protagonistas nas atividades desenvolvidas, o que se confirma com a comparação da tabela 8, na qual grande parte dos entrevistados faziam parte das “equipes de treinamento” e apenas um (12,5%) afirma ter uma participação mais tímida.

Como dito anteriormente, deve ficar claro que o protagonismo nesse momento, se resume aqueles alunos que possuem mais habilidades em determinadas práticas esportivas, entendendo que esse era o único espaço oferecido para os alunos, já que não exigia do aluno uma reflexão crítica, repertório conceitual dos conteúdos, especificamente o dos esportes e dos exercícios físicos (conteúdos apontados pelos entrevistados).

Os alunos que não se mostravam tão habilidosos nas práticas esportivas trabalhadas, passava a ter um papel mais passivo nas aulas, e isso se confirma

quando um dos entrevistados foi perguntado sobre a sua participação e ele afirma “Nada de especial para destacar, no meu caso” fala do entrevistado 3. Essa participação mais apagada, talvez secundária, pode ter se dado por inúmeros fatores, porém, pelos indícios ao decorrer da conversa, essa inibição se deu pelo fato de não apresentar muitas habilidades nas práticas corporais desenvolvidas nas intervenções das aulas de Educação Física.

Outro caráter tomado pela Educação Física, que não deve ser esquecido, é o da disciplina como uma recreação, então a participação também se torna mais ativa nos momentos que são compreendidos como “momento livres”, “momentos de lazer”, e isso fica claro quando a entrevistada 4 expõe o seguinte depoimento: “era como um lazer, sempre era a última aula do dia e a gente gostava, porque brincava, jogava, tinha dia que era aula só de jogos, e pra mim era bem recreativo”.

Tabela 12. Papéis Atribuídos à Educação Física atualmente

	Frequência	Porcentagem
Perspectiva biologicista/saúde	6	75%
Perspectiva educacional	2	25%

Fonte: Produzida pelo Autor, 2023.

A vivência dos alunos na Educação Física escolar muitas vezes é a única para o restante da vida, e é fundamental para a construção do pensamento sobre as práticas corporais. O último questionamento levava os entrevistados a refletirem sobre o que entendem sobre a educação física e como ela deve ser atualmente, qual o papel que ela deve desempenhar para a sociedade.

Os resultados obtidos e apresentados na tabela 12, foram divididos em duas categorias, uma que apresenta a Educação Física uma visão biologicista, na qual os únicos papéis atribuídos a disciplina é a de promoção de saúde e de condicionamento físico. E a segunda, alocando aqueles que atribuem valores que ultrapassam a visão biológica, que enxergam na disciplina uma serventia pedagógica, e sócio-educativa, para além do físico.

A tabela nos mostra que 6 dos entrevistados, o que corresponde a 75% possuem um entendimento tradicional da Educação Física, que talvez tenha se dado pela sua experiência escolar no período ditatorial. Apenas 2 lotam a Educação Física de deveres socioeducativos. Isso se percebe na seguinte fala:

Olhe, a Educação Física, aliás como as outras disciplinas, ela tem um papel fundamental. Tanto na formação teórica de qualquer graduando, quanto que é o papel dela, quando na vida mesmo, na preservação da saúde, a manutenção da saúde física e mental de todo mundo” (Entrevistado 3)

Enquanto isso, a maioria dos entrevistados ainda apresentam discursos que o único papel da Educação Física é a promoção de condicionamento físico e de saúde, isto fica claro na fala do entrevistado 1, ao afirmar que é por meio da prática da disciplina que “vai lhe condicionar de uma forma tanto física quanto orgânica que lhe dá uma condição de vida mais, como eu posso dizer, de uma forma que determina suas atividades do dia-a-dia[...]você tem um desempenho mais saudável”.

Outro depoimento que deixa claro essa perspectiva, é encontrado na fala do entrevistado 6, ao colocar: “Ela deve ser, primeiro, obrigatória. Todo estudante tem que ter essa parte física bem trabalhada”.

5. CONCLUSÃO

Diante de todos os dados obtidos pela pesquisa, fica claro que a experiência do grupo investigado, no período dos “anos de chumbo” (1971-1974) na cidade de Campina Grande-PB, seguia a lógica nacional exposta pelos autores referenciados, pois percebe-se um ensino voltado à obtenção de condicionamento físico, recreação saúde e disciplinarização.

A metodologia que orientava as práticas docentes, potencializava a disseminação das ideologias dos generais-presidentes. E a escola era o ambiente perfeito para que se educasse sob o interesse dos futuros cidadãos, passivos a dominação e a repressão imposta pelos militares.

A disciplinarização que os alunos eram impostos nas escolas, se tratava de um mecanismo de controle para formar indivíduos dóceis, isto é, que aceitassem e aos padrões estabelecidos pelo Estado, sem contestar e sem resistir a tal normatização do “homem ideal”.

A pesquisa comprova que a Educação Física ganha destaque e passa a ser a principal ferramenta dos militares dentro das instituições de ensino, atingindo dois interesses: Melhoramento do condicionamento físico para o mercado de trabalho, para que se aumentassem os níveis de produtividade, e a formação de grandes e talentosos atletas para competições internacionais, na qual faria a propaganda do sucesso do regime, enaltecendo o “Brasil-potência”.

A ditadura deixou uma herança muito bem enraizada no sistema educacional, quanto às metodologias tradicionais dos processos de ensino, e também na própria estrutura das instituições, às regras, a postura dos professores, e esse legado é ainda maior quando se trata da disciplina de Educação Física, pois é fato que ainda muitos professores seguem a logística de um ensino pautado sobre os princípios da tendência competitivista/esportivista.

Esse reflexo não se dá apenas por parte dos professores, mas também aos ex-alunos que vivenciaram a Educação Física no período do regime militar, em especial no período de maior repressão, “os anos de chumbo” (1969-1974) presididos pelo general Emílio Garrastazu Médici. Pois percebe-se uma visão muito limitada da Educação Física, lhe atribuindo funções apenas biologicistas de aprimoramento e manutenção do condicionamento físico e da saúde.

O viés pedagógico da Educação Física, e o seu poder sócio-educativo, passa a ser melhor enxergado após o movimento renovador da década de 80, pois é com o surgimento das abordagens pedagógicas progressistas que a Educação Física passa a ter outras possibilidades de caminhos separados das amarras do tradicionalismo, esportivismo/competitivismo e tecnicismo do período do Regime Militar.

A pesquisa nos comprova que as pessoas que vivenciaram a Educação Física antes desse período não conseguem localizar na disciplina, as possibilidades de desenvolvimento na formação fora da esfera fisiológica.

O que deve ficar claro é que o surgimento das abordagens progressistas, e o fim da tendência competitivista/esportivista, não significa dizer que a Educação Física está despreendida dos antigos hábitos, pois o que os estudos nos comprovam é que a disciplina ainda se localiza sob um viés tradicional e com supremacia esportivista quanto aos conteúdos trabalhados no ambiente escolar.

A separação dessas metodologias, estilos de aula, e até mesmo a compreensão pedagógica e sócio-educativa da Educação Física vem ocorrendo de forma lenta e gradativa, e por isso deve salientar a importância de se buscar pesquisar sobre os elementos sócio-históricos da disciplina, para entender as influências presentes no contexto atual, para pensar um fazer docente transformador. Esse pensamento está relacionado com uma frase de Heródoto que diz “Pensar o passado, para compreender o presente e idealizar o futuro”

Como dito anteriormente, essa pesquisa trata-se de um trabalho acadêmico e que não pretende defender nenhum ponto de vista, muito menos nenhuma ideologia partidária. Espera-se que com a exposição dos dados, possibilitem aos professores de Educação Física uma busca e reflexão acerca da influência deixada pelo Regime Militar na sua prática pedagógica, e possam estar abertos para repensar um novo fazer docente, sob um ponto de vista se despreendendo de métodos ultrapassados.

Diante de tudo que foi exposto e com os resultados obtidos na pesquisa, percebe-se a necessidade de desenvolver novos estudos dentro dessa linha temática, para que se aprofunde os conhecimentos da Educação Física na cidade de Campina Grande, durante o período recortado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula. SANTOS, Desiree dos Reis. SILVA, Izabel Pimentel da. Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho. **Rio de Janeiro: Ponteio**, 2013.

BITTAR, Marisa. JR, Amarílio Ferreira. Educação E Ideologia Tecnocrática Na Ditadura Militar. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: a história que não se conta. **Papirus Editora**. 18. ed. Campinas: 1988.

D'ARAUJO, Maria Celina. SOARES, Gláucia Ary Dillon. CASTRO, Celso. **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Relume-Dumará. 336p. 1994.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física: questões e reflexões na escola. **Rio de Janeiro: Guanabara**, 2003.

DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. Editora Unesp, 2009.

Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.

DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 01, p. 51-75, 2002.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: Momentos decisivos**. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2014.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Gregório Bezerra: professor de educação física, revolucionário, comunista e torturado nas duas ditaduras do Brasil. **Revista Brasileira de ciências do esporte**. vol. 38, 2016. p. 220-226

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, Paulo Ghiraldelli. **Educação física progressista**. Edições Loyola, 1991.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana. **Movimento**, p. 81-101, 2014.

NASCIMENTO, Michelly Milena Souza. A REFORMA EDUCACIONAL DE 1971 PROMULGADA NA LEI 5.692: A PROFISSIONALIZAÇÃO PARA OS FILHOS DA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA. **Universidade Estadual de Londrina**. 2018

NUNES, Amanda Cristina de Souza. MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA DITADURA MILITAR: UMA ABORDAGEM TECNICISTA. **Revista Intersaberes**. vol 16, n. 39. Set. 2021.

SILVA, Gabriel Moreira Pinho. O futebol como espelho de uma nação: como os aspectos autoritários e oligárquicos na sociedade brasileira afetam diretamente o ambiente desportivo. **Faculdade de Ciência Jurídicas e Ciências Sociais**. 2018.

SILVA, Andréa Villela Mafra da. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 70, p. 197-209, dez. 2016.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. UMA HIGIENE MORAL E DO CORPO: educação moral e cívica, as atividades físicas, esportivas e de lazer durante a ditadura militar. **Revista Outros Tempos**, vol. 12, n.19, 2015 p. 57-74

SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz. Abaixo a ditadura: movimentos sociais no Brasil em 1968. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 1, 2018.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. Brasiliense, 2017.

VINUTO, Juliana. A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: UM DEBATE EM ABERTO. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014

APÊNDICE A**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Qual a escola que você estudou durante o Regime Militar?
2. Como eram as aulas de Educação Física nesse período? Quais os conteúdos?
3. Você sentiu influência do Regime instalado durante esse período dentro da escola?
4. Como se portava o professor de Educação Física?
5. Existia separação por sexo durante as aulas?
6. Quantas vezes na semana tinha aula de Educação Física?
7. Existia aula teórica de Educação Física? Se sim, como eram?
8. Além da aula de Educação Física, você fazia parte da equipe de alguma modalidade esportiva da escola? Se sim, comente como eram os treinamentos
9. Como você percebia o interesse dos demais alunos em participar das aulas?
10. Existia a presença de algum militar empregado na instituição?
11. Como era a sua participação nas aulas?
12. Como você acha que a Educação Física deve ser atualmente?

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

P: A pesquisa está sendo gravada com o intuito de Trabalho de Conclusão de Curso e eu vou iniciar a pesquisa pedindo para que o senhor primeiro se apresente, dizendo seu nome e a idade.

R: Meu nome é [Entrevistado cita o nome], tenho 68 anos.

P: Autoriza a gravação de voz?

R: Autorizo sim.

P: Vamos lá, primeira pergunta, em qual período o senhor vivenciou a Educação Física escolar?

R: De 70 à 74.

P: Qual a escola que você estudou durante o regime militar?

R: Colégio Estadual da Prata.

P: Vou pedir para que o senhor diga como eram as aulas de Educação Física nesse período.

R: As aulas de Educação Física eram orientadas pelo professor [nome do professor] e era no campo de futebol que ficava em frente às instalações do colégio e ao lado onde constavam área de quadras esportivas e também uma pequena área para execução de atividades de atletismo.

P: Aí quais eram os conteúdos?

R: Bom, o conteúdo geralmente como eu era dedicado a parte de atletismo, nós treinamos corridas de curto alcance e longo alcance, em torno do campo de futebol. Quando eram atividades antes de alguma competição, como os jogos estudantis, as práticas eram na cidade, com atividades que variavam de 5km, 10km, 12km de percurso.

P: O senhor sentia influência do regime instalado durante esse período dentro da escola?

R: Sim, sim porque era um período aonde as escolas eram bastantes eu não digo o termo vigiadas, mas tinha uma certa limitações das nossas atividades

por conta do exército, de polícia militar sempre está presente em algumas atividades e isso prejudicava as vezes até o andamento de nossas atividades.

P: O senhor falou o nome do professor e eu gostaria de saber como era que ele se portava na aula, como era o perfil desse professor.

R: Ele é um, apesar de não ser da área, mas era um profissional muito dedicado, porque ele na época estava concluindo o curso de economia, ele era estudante daqui da Universidade Federal, hoje Federal de Campina Grande, aqui em Bodocongó e é tanto que ele se identificava tanto com as atividades de Educação Física que ele também era preparador físico do Campinense Clube. E em algumas ocasiões, na ausência de algum técnico, além dele ser preparador físico ele assumia até comando de atividades técnicas do clube.

P: Mas ele na aula, como ele se portava?

R: Não, tranquilo, porque ele era um cidadão comum né, também estudante e sentia e a gente até mesmo com os estudantes, aqueles estudantes que tinham uma certa atividade política, havia discussão dentro do grupo com relação ao regime, o regime de ditadura bastante ostensivo principalmente nas escolas públicas que tinham uma visão muito grande, do exército e da polícia também como um todo.

P: E durante as aulas de Educação Física existia separação pelo sexo?

R: Bom, a nossa, como a gente tinha mais atividade de atletismo, as mulheres eram poucas mas em período de competição mesmo, porque o grupo de atletismo nosso era mais composto de homens, é as mulheres em uma atividade de corrida, praticamente não tinha. Tinha em outras categorias né, como salto em altura, salto em distância, daí tinha a participação de atividade com mulheres, mas o meu grupo por exemplo era mais homem.

P: Entendi, e quantas vezes se tinha essa aula de Educação Física na semana?

R: Na semana, geralmente em atividades normais, eram 2 vezes na semana, no meu caso na parte da manhã.

P: Existia uma aula teórica? Se sim, como ela era?

R: Não, as atividades eram mais físicas, agora no decorrer, sempre havia uma preleção de discussão mas não de forma com anotações, mas sim de orientações de determinados exercícios, porém na parte mais verbal, não tinha nenhuma atividade prescrita.

P: Além da aula de Educação Física o senhor fazia parte de alguma equipe ou de alguma modalidade esportiva da escola?

R: Eu fazia parte da equipe de atletismo, tinha atletas de corrida curta né, as de médio e longo percurso. E com meus outros colegas que era na parte de levantamento de peso, salto em altura, em distância, arremesso de dardo. As atividades de atletismo, a gente sempre tinha o contato com todos os colegas.

P: No caso, além da aula de Educação Física tinha essa parte do treinamento também para a modalidade?

R: Tinha a parte do treinamento por modalidade e se acentuava quando se aproximava as competições.

P: E como o senhor percebia o interesse dos demais alunos nas aulas?

R: Era, a gente percebia né que tinha alguns, a minha turma por exemplo era uma turma que era relativamente grande, composta na época a gente chamava o científico tinha 2 planos que era de engenharia e a parte que era da saúde, mas na educação física as turmas eram juntas, tanto da parte de engenharia como da parte da saúde, então quando juntava uma turma era de 20, 30 alunos para a aula normal e dentro desse grupo se identificava a pretensão de cada um. Então eram selecionados dentro do decorrer das atividades, o professor tinha uma visão daquele atleta e aí fazia a seleção e tinha um treinamento mais específico.

P: Na escola, na instituição existia a presença de algum militar?

R: Não, nesse período de Colégio Estadual da Prata não. Mas, eu não sei se cabe no contexto, já no primeiro grau que eu fiz no Estadual de Bodocogó tinha, inclusive o professor era um militar da polícia.

P: Agora uma pergunta bem pessoal, como era sua participação nas aulas?

R: Eu era um camarada que gostava da atividade e por conta disso, mesmo quando eu encerrei, conclui meu curso e em seguida fiz vestibular e fui para Areia, eu me identificava tanto que eu fiz Agronomia em Areia e eu fazia parte também da equipe de atletismo da instituição.

P: A gente falou de como era a Educação Física naquele período e para o senhor, o senhor acha que como a Educação Física deve ser atualmente na escola? qual o papel, a função que ela deve desempenhar na escola?

R: A Educação Física hoje é de extrema necessidade né, porque você tá desenvolvendo atividades que vai te dar uma condição orgânica, física. Claro

que uma depende da outra e vai lhe condicionar de uma forma tanto física quanto orgânica que lhe dá uma condição de vida mais, como eu posso dizer, de uma forma que determina suas atividades do dia-a-dia, tanto profissional quanto, principalmente profissional você sempre com uma atividade física você tem um desempenho mais saudável.

P: Então com isso a gente termina nossa entrevista, eu agradeço a contribuição e a participação e encerro aqui a gravação.

ENTREVISTA 2

P: Bom dia, vamos iniciar a entrevista com fins de realização do Trabalho de conclusão de curso, vou pedir para que a senhora se apresente e diga a sua idade

R: [Entrevistado cita o nome], 67 anos.

P: A primeira pergunta é, em qual período a senhora vivenciou a Educação Física escolar?

R: Quando eu terminei?

P: O período em que a senhora estudou

R: Eu comecei em 1964

P: Qual foi a instituição que a senhora estudou durante esse período.

R: No Colégio Estadual da Prata

P: Vou pedir para que a senhora descreva como eram as aulas de Educação Física nesse período.

R: As aulas de Educação Física, a gente sempre fazia duas/três vezes por semana, mas fazia na quadra, e naquela época era muito bom a Educação Física que a gente praticava né? E teve um tempo também que eu joguei Handebol, pelo colégio, e foi assim, foi muito bom a Educação Física pelo Colégio.

P: Quais eram os conteúdos que eram desenvolvidos nas aulas de Educação física?

R: Na hora de Educação Física, eles faziam os exercícios apropriados da Educação Física, alongamento, que a gente alongava bem, o período de antigamente era assim, um período mais exigente que tinha colégio.

P:A senhora sentiu que existia influência do regime da ditadura durante esse período na escola?

R:Não, não achava que tinha esse negócio, assim tinha uma mulher que tomava conta do colégio que ela parecia uma ditadura mesmo sabe? Que você não entrava no colégio sem seu fardamento completo, a saia tinha que ser comprida, e na Educação Física do mesmo jeito, você não entrava sem o material da Educação Física, eu achava que ela tinha um regime muito, parecia uma soldada, mas era muito bom naquela época.

P:O professor de Educação física, como era que ele se portava, como era o perfil dele?

R:Assim, o perfil era, tava até lembrada do professor, não sei, mas ele era muito comportado, ensinava muito bem, quando você tava fazendo errado, ele ensinava né? ótimo, agora eu não tou lembrada o nome do professor de edf, mas ele era muito bom, o perfil dele era ótimo.

P:Existia separação durante a aula, pelo sexo? Mulher, homem?

R:Lá, a gente só fazia mulher, era mulher e homem separado.

P:Quantas vezes tinha aula de educação física por semana?

R:2x por semana

P:Existia aula teórica de Educação Física?

R: Não, que eu lembre não tinha aula teórica, eu acho que era só a prática mesmo.

P:Além da aula de educação física, a senhora fazia parte de alguma modalidade esportiva?

R:Sim, que era Handebol, que a gente fazia, mas era pelo colégio também

P:Aí como eram os treinamentos?

R:A gente treinava com ele, na quadra, e a gente jogava com outros times, de outros colégios da cidade todinha sabe? E jogava handebol, além da aula de Educação Física. Tinha como um campeonato né? Os colégios e a gente participava jogando handebol.

P:E como a senhora percebia o interesse dos demais alunos nas aulas de edf?

R:Eram muito participativos, gostavam, não perdia os treinos, como tinha os jogos era do mesmo jeito, era muito bom naquela época, demais mesmo, quando era disputando contra colégio, aí que alunas não faltava, muito bem dedicado elas.

P:Existia a presença de algum militar na escola?

R:Não, nessa época não, porque eu acho que antigamente as coisas era mais segura, a gente tinha mais, assim, uma segurança de tá na escola, que hoje a gente não tem, mas não tinha essas coisas no colégio não, nessa época era ótimo.

P:Uma pergunta bem particular, como era senhora na aula de Educação Física, como era a sua participação?

R:A, eu adorava até que minha mãe dizia assim “Menina, você não vai tirar essa sua roupa de Educação Física não”,que eu só vivia em casa treinando, jogando, “Eu quero saber se você vai ficar só dentro do colégio treinando”, era muito bom, eu adorava.

P:A última pergunta para a gente encerrar. Como você acha que a Educação Física deveria ser atualmente?

R:Olhe, eu acho que a Educação Física também atualmente tá muito boa, porque vocês é mais presente em tudo, tem mais chance de muita coisa,tem outros aparelhos que antigamente a gente não tinha né? Então você ver que a Educação Física hoje deu uma avançada muito grande, porque eu acho que antigamente era mais barato mas a gente frequentava muito, e os professores eram muito dedicados, mas eu acho que hoje evoluiu muito a educação física, e eu tive até pelas academias, e vi que tudo hoje melhorou 100%.

P: Então com isso a gente termina nossa entrevista, eu agradeço a contribuição e a participação e encerro aqui a gravação.

ENTREVISTA 3

P: Está sendo iniciada a entrevista, primeiramente vou pedir para que o senhor se apresente e diga sua idade.

R: Bom, eu sou [Entrevistado cita o nome], eu tenho 63 anos.

P: A primeira pergunta é em qual período que o senhor vivenciou a Educação Física escolar?

R: A minha vivência em Educação Física escolar foi no tempo, não é, em que eu estudei em escola pública no início da década de 70. Não havia ainda,

como a minha condição de idade, de criança, eu e a minha turma, minha geração, não é, não havia ainda capacidade crítica para compreender tudo aquilo. O que eu tenho de memória é que fiz um ano, isso foi 71/72, que eu tinha aula de Educação Física que eu lembro uma vez por semana. Mas era aquilo muito, digamos assim formal, tinha um dia da semana que nós, éramos crianças né, participavam de Educação Física. A Educação Física não havia teoria, era mais para cumprir a obrigatoriedade do currículo e num dia de semana a gente fazia na escola, Educação Física, aqueles exercícios básicos hoje né que a gente sabe, sem maiores, vou usar esse termo aqui, aprofundamentos. As crianças faziam aquilo mais por, as crianças eu digo porque eu tinha 12 anos, faziam mais por obrigação, porque fazia parte, tinha que fazer como outra disciplina qualquer, então havia um professor que juntava a turma e a gente fazia, e fazia corridas, eu lembro por exemplo a gente correndo ali em torno do Açude Velho com o professor acompanhando aquele grupo da minha escola, mas não havia nenhum questionamento em respeito dessa disciplina, a respeito dessa prática, por dois motivos: primeiro que a gente não tinha aquela capacidade crítica, capacidade de compreensão, a respeito dessa disciplina, a respeito dessa prática e mesmo porque a gente não podia contestar, porque a gente estudava numa escola pública e era como se fosse outra disciplina que a gente tinha que fazer, era uma obrigação que tava lá no currículo e a gente tinha que fazer.

P: Qual era a escola que o senhor estudou?

R: Eu estudei no Colégio Estadual José Pinheiro.

P: Uma escola pública?

R: Sim, uma escola pública.

P: Como eram as aulas de Educação Física, assim, os conteúdos?

R: Os conteúdos eram aqueles exercícios básicos, que eu me lembro, fazia agachamento, fazia polichinelo, fazia apoio de frente, o professor lá na frente gritando “Vamo, bora, 10, 15, 20, vamos lá fazendo”. E correr, eu lembro que a gente corria ali ao entorno do Açude Velho, com um professor só a turma toda saia fazendo aquilo ali. Só que eu tenho memória era dividido, era só os meninos, as meninas faziam em outras turmas.

P: O senhor sentia influência do regime durante esse período na escola?

R: Não, havia influência hoje eu sei, claro que havia influência, o regime militar ele fez né, moldou todo o período dele a Educação ficou subordinada aquela compreensão que havia na época da ditadura militar, mas eu sei disso e faço essa análise hoje. No momento, a gente não tinha essa ideia né, na realidade a ditadura Vinícius, tudo era proibido, tudo era censurado, então não havia essa discussão na minha casa, não havia, a imprensa era censurada, então não havia essa compreensão. Eu nunca senti nessa época, certamente havia, claro que havia, era os militares, o governo militar que formatava tudo isso, mas a gente não sentia porque não tinha a capacidade crítica, a gente não fazia essa análise, a gente não entendia, até porque não tinha nem idade para entender isso.

P: E como era o professor de Educação Física? Assim, o perfil dele?

R: Eu lembro bem do professor, era uma pessoa com quem a gente se dava bem, tratava a gente bem, não havia pelo menos que eu lembre nenhum conflito com a turma, pouca conversa, era um professor, a relação professor-aluno era uma relação de muita autoridade, não havia questionamento. Então ele chegava, a gente chegava no horário marcado no pátio do colégio e dizia “Tá na hora, vamo fazer” e começávamos a fazer aqueles exercícios que ele ficava na frente da turma orientando.

P: Assim, eu vi que tem perguntas aqui que o senhor já respondeu, mas por questão burocrática eu tenho que fazer.

R: Sim.

P: Existia separação por sexo durante as aulas?

R: Sim, a minha turma que eu lembro eram só homens, só os meninos. As meninas faziam separadas em outro dia.

P: Quantas vezes na semana tinha aula de Educação Física?

R: Olhe, eu vou aqui responder isso com uma ressalva de memória, mas para mim era uma vez na semana. Como tá muito longe no tempo, mas que eu lembre era uma vez por semana.

P: Existia aula teórica?

R: Não, não, não. Não tenho nenhuma lembrança de aula teórica, havia o seguinte hoje é dia de aula de Educação Física, então a gente ia sem a farda tradicional, ia com uma roupa, camiseta, calção e tênis, e já chegava lá direto

nos exercícios, não havia aula teórica, não havia nenhuma discussão nesse sentido, do ponto de vista teórico.

P: Além da aula de Educação Física, o senhor fazia parte de alguma equipe de alguma modalidade esportiva?

R: Não, eu tinha nessa época as minhas atividades esportivas, mas não na escola, tinha como todo menino tem, jogava bola, essas coisas, mas não na escola.

P: E como o senhor percebia o interesse dos demais alunos na aula?

R: Gostavam, não era nada que fosse forçado não, tudo isso [nome do entrevistador], com uma ressalva no meu caso, da idade, éramos crianças, não havia resistência. Aquilo fazia parte da escola, era um dia X, um dia determinado que a gente ia, participava, não era nenhuma atividade forçada e não havia questionamento nesse sentido.

P: Existia na instituição que o senhor estudava a presença de algum militar?

R: Eu não lembro, eu escuto hoje, veja só, relatos que a gente sabe que havia um controle muito grande, tanto da parte formal como do ponto de vista teórico, nas escolas. Mas na minha escola não havia presença de militares.

P: Agora uma pergunta individual, sua participação nas aulas de Educação Física, como era?

R: Nada de especial para destacar, no meu caso, volto a dizer aqui, era algo até que a gente gostava, não achava ruim, era a turma toda que a gente estudava, um grupo de meninos que chegava naquele dia X, a gente ia correr, ia fazer aqueles exercícios, era um momento, podemos dizer, de recreação. Não havia nada forçado, não havia nada que me coubesse ou entendesse protestar, nunca vi nenhum protesto nesse sentido. A ressalva que eu faço é a seguinte, hoje nós sabemos e compreendemos tudo que tava se passando, o que foi o regime militar, o que foi o controle que teve o governo militar sobre essa época na educação, sobre essa formação toda e a Educação Física claro que teve um papel importante sobre isso, porém, eu estou respondendo aqui a respeito do passado, desse momento, e esse momento não nos permitia fazer uma análise a respeito disso até por conta da pouca idade que a gente tinha. Então juntava, tinha as turmas, um dia era a nossa turma, no outro dia já era a outra turma, no outro dia era o outro ano e aquilo bem formal, chegava de calção, camiseta e tênis, fazia aqueles exercícios básicos, certamente que

hoje a Educação Física é bem mais avançada, ampliada, aqueles exercícios básicos e o professor eu acho que também não tinha muitas, não tinha o conhecimento que se tem hoje.

P: O professor era formado?

R: Não sei dizer, não sei responder qual era a formação daquele professor. O curso de Educação Física quanto tempo tem?

P: Aqui em Campina, surgiu em 78.

R: Mas claro que antes já havia, enquanto curso formal. Porém eu não sei se meu professor tinha essa formação.

P: A última pergunta, com essa discussão que a gente teve, como o senhor acha que a Educação Física deve ser atualmente na escola?

R: Olhe, a Educação Física, aliás como as outras disciplinas, ela tem um papel fundamental. Tanto na formação teórica de qualquer graduando, quanto que é o papel dela, quando na vida mesmo, na preservação da saúde, a manutenção da saúde física e mental de todo mundo. Eu penso pelo pouco que eu conheço dessa área, que tá no canto certo, a gente pode dizer isso agora pela sua formação, você tá fazendo um trabalho de conclusão de curso, que é um trabalho que requer uma preocupação, digamos assim, teórica muito grande e você tá fazendo uma retrospectiva histórica, do que foi a Educação Física e isso é uma demonstração da importância que tem hoje a Educação Física na formação, dos profissionais que vão a partir daí trabalhar nessa área. Isso que eu posso dizer, sei que é uma contribuição pequena, mas veja só, volto a dizer é por conta da questão temporal, do que nos distancia desse período, esse período aí que você fez o recorte para o seu trabalho, que é de 70 à 74, foi o período mais repressivo, foi o período mais inflamado da ditadura militar. A ditadura militar se instala no Brasil com um golpe a partir de 64, ela teve nesse período precisamente no governo de Médici, Emílio Garrastazu Médici, que vai de 70 à 74, seu período mais terrível. Isso não quer dizer que os outros não foram terríveis também, de censura, de repressão, de morte, de prisão, de exílio, de perseguição. E nas escolas, sobretudo nas universidades mais ainda onde tinha grandes lideranças, aonde havia um campo de resistência muito grande a ditadura militar, a repressão foi enorme. Foi terrível. A ditadura militar sem dúvida nenhuma é uma marca terrível na história do Brasil e hoje com as informações que nós temos, com o conhecimento que nós temos

permite dizer que foi um atraso terrível para o Brasil em todas as áreas. Não existe um campo sequer que possa ter tido qualquer fator positivo que a gente possa destacar hoje desse período de 21 anos de ditadura militar. Eu disse 21 anos considerando até a retomada de um governo civil, em 85 com Tancredo Neves, então a ditadura durou 21 anos, tivemos a anistia em 1979, com a anistia já não havia mais a repressão que houve antes, mas esse período do governo Médici, esse período de 70 à 74, foi sem dúvidas nenhuma o período mais terrível aonde o Brasil sofreu seus piores danos, a formação, a sua democracia, enfim foram tempos difíceis, muito difíceis, que a gente não deve nunca esquecer, ditadura militar nunca mais.

P: [Nome do entrevistado], eu agradeço muito a sua participação e contribuição na pesquisa e aqui a gente encerra a nossa gravação.

ENTREVISTA 4

P:Vamos iniciar agora a entrevista, e primeiramente eu gostaria que a senhora se apresentasse com o seu nome e a sua idade, por favor?

R:Certo. Eu sou [Entrevistado cita o nome], tenho 66 anos.

P:A primeira pergunta que eu tenho pra senhora é: Em qual período a senhora vivenciou a Educação Física escolar?

R:É, os anos 60 enquanto criança, que a gente conhecia como primário, que hoje é fundamental I, foi no período de 64 a 69, e o Ginásio foi de 70 a 73.

P:E qual foi a escola que a senhora estudou durante esse período do ginásio?

R: No colégio Pio XI, era um colégio particular, ele era um colégio assim de denominação religiosa, que era de padre, pela manhã estudava as mulheres e de tarde estudava os homens, e foi o período que eu fiz o ginásio.

P:E nesse período como eram as aulas de Educação Física, os conteúdos?

R:Não, a lembrança que eu tenho era que tinha um ginásio no colégio, e as aulas aconteciam nesse ginásio, sempre era a última aula do dia, eram duas vezes por semana e a gente tinha a fardinha específica para Educação Física, que nesses dias a gente ia com ela, e nos outros dias era a farda normal do colégio.

P: Aí vocês alunos, faziam o quê nessa aula? Quais as atividades?

R: As atividades era com corrida, aqueles exercício comum de polichinelo, era exercício de movimento de braço, perna, que chama de aeróbico

P: Nesse momento, a senhora sentiu influência do regime ditatorial na escola?

R: Não assim, porque na época a gente não tinha conhecimento [nome do entrevistador], a gente não sabia o que tava acontecendo, e as aulas eram ministradas só relacionada aos exercícios, a gente não entendia.

P: E como era o professor de Educação Física, o perfil dele? A senhora consegue se lembrar?

R: Era um professor, que preparava a gente além das aulas, quando tava pra chegar desfile no dia 7 de setembro, ele também preparava a gente, é, as comemorações, aniversário da cidade, os colégios também desfilava, e era tudo organizado e orientado pelo professor de Educação Física. Além das aulas da semana, ele também tinha o papel de preparar a gente para os desfiles, quando tinha uns pelotões especiais. Agora, quando você quer saber o perfil dele, era quanto a posição política dele? eu não tenho lembrança não.

P: Não, era pra saber como ele se portava durante as aulas mesmo. Existia separação por sexo durante as aulas?

R: Existiam porque a gente era de um colégio, que de manhã estudavam as meninas e de tarde os homens, não haviam turmas mistas nesse colégio, mesmo durante as outras disciplinas. Meninas manhã, e meninos a tarde. Então minha educação física era só de mulheres.

P: Quantas vezes na semana, vocês tinham aula de Educação Física?

R: 2x na semana, eu lembro bem, era a terça e a quinta

P: Existia aula teórica?

R: Não, era só de exercícios mesmo, só a prática.

P: Além da aula de Educação Física, a senhora fazia parte de alguma modalidade esportiva?

R: Não, apesar que também nas aulas havia brincadeiras assim, botava a gente pra brincar de vôlei, num sei o que, aí eu lembro que ele botava aqueles que eram mais habilidosos, para formar as turmas, para quando chegassem os jogos estudantis, mas eu não tinha habilidade não.

P: No caso esses que eram mais habilidosos faziam parte de uma equipe para disputar?

R: Isso, eles formavam a equipe que iam disputar os jogos

P: Como era o interesse dos alunos? Quando ia ter aula de educação física, como era o interesse?

R: A gente gostava porque é aquela história né, era como se fosse uma diversão pra gente, que era um momento assim de descontração né? Que era quase como um lazer pra gente.

P: Existia a presença de algum militar na escola?

R: Não, eu tenho lembrança assim, que nas aulas de Educação Física não, mas havia nesse colégio que eu estudava, o Pio XI, que sempre o exército aparecia quanto tinha eventos assim de comemorações, dia da bandeira, dia da independência, aí havia, vinha sempre o exército para organizar a gente, para comemorar, aí colocava a bandeira,, aí a gente cantava o hino da bandeira, quando era o hino da independência, entendeu? Aí havia a presença deles nesses eventos. O exército ia pra escola e organizava as turmas no pátio grande e formava as turmas, aí falava o que era aquele dia, o que significava, aí a gente cantava o hino. Era nesse sentido, tenho essa lembrança. Pelo menos era nesse colégio, não sei se em todos, mas tenho essa lembrança.

P: Agora é uma pergunta particular. Como era a participação da senhora na Educação Física?

R: Comum, como uma aula normal, a Educação Física era uma disciplina que fazia parte do currículo, a gente era obrigado a ir, mas eu gostava, pois como eu lhe disse, era como um lazer, sempre era a última aula do dia e a gente gostava, porque brincava, jogava, tinha dia que era aula só de jogos, e pra mim era bem recreativo, eu gostava, e todo mundo ia muito contente participar da aula.

P: Agora é a última pergunta. O que a senhora acha que a Educação Física deve ser atualmente, o papel dela?

R: Olhe, a Educação Física assim, depois de vários conhecimentos que eu tive, a importância que é a Educação Física para o corpo, como diz Platão: desde de criança a criança já se exercitar, a importância que isso também para o desenvolvimento tanto físico como emocional, mental, para as crianças se tornar um adulto bem melhor, se desde novinho ele já se exercita, aí de acordo com a idade, a gente vai vendo, como hoje por exemplo, as crianças, as meninas vão mais para o ballet, natação, e os meninos também, se isso vem

desde criancinha, que é para o desenvolvimento mental, físico e emocional também, da criança, até o adulto.

P: Então com isso a gente termina nossa entrevista, eu agradeço a contribuição e a participação e encerro aqui a gravação.

R: Obrigada.

ENTREVISTA 5

P: Vamos iniciar aqui a pesquisa, a entrevistada vou pedir para que diga o seu nome e a sua idade.

R: [Entrevistado cita o nome], 66 anos.

P: Vamos dar início às perguntas, em qual período você vivenciou a Educação Física escolar?

R: 1974.

P: Qual a escola que você estudou durante esse período?

R: Todos eles?

P: Não, a escola que você estava em 1974.

R: Estadual de Bodoncogó.

P: Como eram as aulas de Educação Física lá?

R: Era pelas manhãs e só isso.

P: Aí era que conteúdo que dava? Vocês faziam o quê na aula de Educação Física?

R: Era, mais uns exercícios especificamente, tinha as provas também sabe, a gente fazia as aulas teóricas e as físicas.

P: Sim, entendi. Você sentiu influência do regime da ditadura instaurado durante esse período?

R: Como assim?

P: No tempo que era a ditadura, você sentiu influência do exército dentro da escola ou não?

R: Tinha, quando era nos 7 de setembro durante os ensaios quem ensinava a gente era o exército.

P: Eles iam para a escola?

R: Era, iam lá no colégio.

P: Aí eles faziam o que lá?

R: Eles que, os pelotões que diziam "direita volver, esquerda volver", aquelas coisa toda, bem antigo.

P: E o professor de Educação Física, a senhora lembra dele?

R: Me lembro não.

P: Não lembra do nome, mas como ele era na aula?

R: Ele era bem, um professor bom, ensinava bem. A gente corria bastante, tinha dia que a gente brincava de baleada.

P: Aí nessa aula, existia separação por sexo? Vamos supor "agora é a vez das meninas, agora é os meninos" ou era tudo misturado?

R: Só meninas.

P: Era separado então.

R: Era, não misturava não homem com mulher não.

P: Mas isso era só na aulas de Educação Física ou em todas as aulas?

R: Na Educação Física, nas aulas normais era tudo junto. Inclusive, eu era presidente de classe.

P: Entendi, aí tinham aula quantas vezes de Educação Física na semana?

R: Pelo o que eu me lembro, era terça, quinta e sexta.

P: 3 aulas então, por semana.

R: Era, 3 aulas.

P: Aí tinha aula teórica ou era só fazendo exercício mesmo?

R: Tinha exercício e depois tinha teórica.

P: Aí era como o conteúdo nessa aula teórica, o professor ensinava?

R: Ele fazia perguntas a gente, ai tinha as provas.

P: Aí as perguntas eram relacionadas a que?

R: Aos exercícios, o que que a gente estava achando. Se tinha dificuldade nos exercícios.

P: Aí além das aulas de Educação Física a senhora fazia parte de alguma equipe de natação, futebol?

R: Não.

P: Como a senhora percebia o interesse dos alunos quando ia ter aula de Educação Física?

R: A gente gostava, a gente corria muito, arrodia o colégio todinho, o que mais a gente fazia era correr e só depois fazia os exercícios.

P: Tinha a presença de alguém do exército na escola?

R: Não, só no período de 7 de Setembro.

P: Agora uma pergunta pessoal, como era sua participação, a senhora na aula se dava bem?

R: Eu gostava demais, eu parei de exercitar por causa da Chikungunya, eu até antes dela pratiquei academia por 15 anos, eu sempre gostei de exercitar, é que agora não tô podendo, as pernas não deixam.

P: Entendi. E assim, pelo ensino que a senhora teve, a vivência que a senhora teve na educação física como a senhora acha que a Educação Física tem que ser hoje em dia, na escola?

R: Eu acho que não era igual a do meu tempo não, a do meu tempo era com mais frequência, a gente tinha vontade de fazer, hoje em dia os alunos não querem mais fazer né, não é mais como era. No meu tempo, a gente contava os dias para chegar os dias do exercícios, contava os dias para quando ia ter aula de educação física, a gente gostava, quando terminava ia tomar aquele banho no Açude.

P: Então é isso, a gente termina agora aqui a nossa pesquisa e eu agradeço a sua contribuição.

R: Pois não.

ENTREVISTA 6

P: Vamos dar início a entrevista e primeiro eu ia pedir para que o senhor dissesse seu nome e a sua idade.

R: Meu nome é [Entrevistado cita o nome], tenho 67 anos.

P: A primeira pergunta seu Paulo é em qual período que o senhor vivenciou a Educação Física escolar?

R: Foi de 71 à 73.

P: Isso o ginásio, que correspondia o ginásio na época?

R: Isso, o ginásio. E também teve 3 anos de científico.

P: E qual foi a escola que o senhor estudou durante esse período de 71 a 73?

R: Foi no Colégio Estadual do Bodoncogó.

P: Como eram as aulas de Educação Física nesse período?

R: Eram, pela manhã. Estudava a tarde e a gente fazia a Educação Física pela manhã, começava das 06h da manhã até às 07h.

P: Aí quais eram os conteúdos?

R: É, aquele normal, você fazia aquele, primeiramente o aquecimento e depois existia mais alguns exercícios específicos.

P: O senhor sentia que tinha uma influência do regime militar durante o período que o senhor vivenciou?

R: Não, não tinha nenhuma interferência.

P: O senhor lembra como era o professor de Educação Física, como ele se portava, o perfil dele?

R: Era uma pessoa muito boa, era um professor brilhante, que hoje até um tempo aí era médico né. Na época ele fazia medicina, era um grande professor.

P: Mas ele era formado em Educação Física na época ou não?

R: Ele era formado em Educação Física e fazia medicina.

P: Na aula de Educação Física existia separação por sexo?

R: Existia, a gente só fazia com homens.

P: Aí eram quantas vezes por semana que tinha a aula de Educação Física?

R: 3 vezes na semana.

P: Aí existia aula teórica ou era somente prática?

R: Teórica era muito pouco, só mais prática mesmo.

P: Aí quando era teórica era como, quais eram os conteúdos que ele trabalhava?

R: Era mostrando, assim, o benefício que os exercícios podiam trazer para a saúde. Falava muito da forma como devia se portar em relação a alimentação, essas coisas assim.

P: Aí a gente sabe que a Educação Física funciona a sua aula comum e muitas vezes alguém participa de uma modalidade específica, seja futsal, vôlei, basquete, o senhor participava de alguma dessas modalidades?

R: Handebol.

P: Aí tinha o treinamento por fora?

R: Tinha o treinamento.

P: Como eram esses treinamentos, tinham o mesmo professor?

R: Era não, era outro professor, mas a Física da gente era mais voltada ao handebol.

P: Como o senhor percebia o interesse dos alunos em participar da Educação Física?

R: Era mais uma obrigação, do que um interesse propriamente dito né, imagina a gente chegar de 05:30h na escola para de 06h começar a aula. E quem não fosse com certeza ia ser reprovado.

P: Então todos participavam?

R: Sim, todos participavam.

P: Existia a presença de algum militar na escola?

R: Não.

P: Tinha algum momento que ia o exército para lá?

R: Não. Não.

P: Agora é uma pergunta bem pessoal, como era a sua participação nas aulas?

R: Eu era muito interessado, mas muito mesmo, me destacava na parte física e na parte do handebol também. E além do handebol, ainda tinha também o futebol de campo e o futebol de salão né. E as corridas também, o atletismo.

P: Aí vamos lá, por meio da vivência que o senhor teve na Educação Física, como o senhor acha que ela deve ser atualmente, hoje em dia? Qual o papel dela, como ela deve atuar na escola?

R: Ela deve ser, primeiro, obrigatória. Todo estudante tem que ter essa parte física bem trabalhada e ela deve acompanhar também a parte educativa, em relação a alimentação, em relação a problema de drogas, essas coisas assim.

P: Então é isso, com isso a gente encerra aqui a nossa entrevista e eu agradeço a sua participação.

R: Ok, agradeço também a sua entrevista.

ENTREVISTA 7

P: Vamos da início agora a entrevista e eu ia pedir para a entrevistada se apresentar, falar o seu nome, a idade.

R: É, eu me chamo [Entrevistado cita o nome], sou empresária aqui em Campina Grande, tenho 65 anos e minha escolaridade é que sou formada em farmácia e bioquímica na Universidade Regional do Nordeste, que é a UEPB hoje e estou aqui a sua disposição [nome do entrevistado].

P: A primeira pergunta é em qual período que a senhora vivenciou a Educação Física?

R: É foi no Colégio Estadual da Prata. Que nesse tempo de chamava "O gigantão" e estudei lá de 1972 a 1974.

P: A senhora sabe porque tinha esse nome?

R: "O Gigantão", porque ele realmente era um "gigantão", o tamanho da escola e também ele tem uma capacidade muito grande de absover as pessoas de toda aqui a região. E quem estudasse no Estadual da Prata naquele tempo, no gigantão, naquele tempo a gente não fazia nem cursinho, eu passei no vestibular de primeira, porque assim a média lá era 8.3 e quem estudasse assim mesmo lá, era muito rígido, a gente tinha umas supervisoras de classe muito rígidas e ela, assim, nós fomos acostumados a estudar e a ser muito bem comportados, justamente por ser muito rígido, eu me lembro até o nome da supervisora que era [nome da supervisora].

P: Aí qual escola, porque assim tem perguntas que vão se repetir, que no caso qual é a escola, que foi o Estadual da Prata né.

R: Isso.

P: Aí como eram as aulas de Educação Física dentro desse recorde do ensino médio que a senhora tava?

R: É o seguinte, as nossas aulas, nós estudávamos de manhã normalmente e a Educação Física era a tarde. Era no contra turno, a tarde assim umas 15h, 15:30h e a gente fazia numa área lá, que funcionava no domingo como um campo de futebol, me lembro bem disso, tinha os jogos muito famosos, os rachas de hoje em dia, lá tinha no domingo. E durante a semana era do colégio e a gente fazia Educação Física lá.

P: Aí como eram essas aulas, os conteúdos?

R: Os conteúdos eram o seguinte, tinha a parte física-motora, que a gente trabalhava essa parte, que foi quando aprendi que tinha polichinelo, tinha abdominais, tinha tudo isso. Mas assim o que eu gostava mais era as competições que tinha em cada final de aula, quando faltava assim 20 minutos para terminar a aula, a gente sempre tinha assim uma brincadeira. Uma turma contra a outra e era assim uma turma do bastão, que essa turma era assim você corre, corre, corre e vai lá frente entrega o bastão ao outro da a volta e entrega ao bastão ao próximo.

P: Como se fosse uma corrida de revezamento?

R: Justamente, ai era aquela gincana, era muito bom, era bastante divertido, aquela euforia para você torcer pela sua equipe. Tinha isso, eu me lembro muito bem.

P: Aí a senhora sentia, porque assim nesse período era o tempo da ditadura, a senhora sentia que tinha influência do regime na escola?

R: Não, não dava para perceber não. Devido ao meio que a gente vivia, não dava para sentir. Mas assim existia sim diferenciação, deixe me ver, quando terminou eu acho que não dava para perceber porque assim em termos de política a gente não se envolvia, eu tinha o que, 15, 16 anos. Aí naquele tempo a gente nem votava, votava só depois dos 18, agora que veio aparecer de votar com 16. Então a gente não tinha, eu mesma, para ser sincera eu não me lembro. Porém me lembro vagamente que teve um presidente aqui que a gente até foi ver, mas não dentro o ensino médio, já foi antes. Que o presidente veio aqui em Campina.

P: Aí levaram os alunos para conhecer?

R: Foi, foi para visitar.

P: Como era o professor de Educação Física, o perfil dele, lembra dele?

R: Lembro, eu tinha 2 professoras. O nome de uma era Renilde, quem for antigo, já tiver seus 60 vai se lembrar. Tinha [nome pessoal] e tinha outra que era [nome pessoal]. Ela era filha do Capitão Gonzaga e era minha professora. As 2.

P: Nessas aulas existia separação por sexo?

R: Era só menina, era separado.

P: Mas era no mesmo dia?

R: Não, era só menina.

P: Ah então em um dia era só menina e os meninos iam em outro dia?

R: É, isso.

P: Aí tinha essas aulas quantas vezes na semana?

R: Era terça e quinta.

P: Tinha aula teórica?

R: Não, isso já foi depois, era só prática. Era prática, era jogo, já começava a começar as olimpíadas, eu me lembro que tinha pessoas que gostavam mais de jogo. E não era todo mundo, era algumas pessoas da turma que eram chamadas para jogar vôlei, jogar handebol. Aí existia já as olimpíadas e as pessoas eram chamadas até para fora, eu tenho essa lembrança de uma pessoa muito conhecida que era da minha equipe, que era [nome pessoal]. Não lembro o nome dela todo, mas ela jogava handebol e foi campeã da Paraíba. Me lembro disso.

P: Sim, aí além da aula de Educação Física tinha treinamento de cada modalidade, por exemplo, de vôlei, a senhora fazia parte de alguma?

R: Fazia, do Handebol.

P: Aí como eram os treinamentos, era diferente das aulas?

R: Sim, era diferente das aulas, porque era um jogo mesmo, aí quem tinha mais aptidão ia participando, tanto que [nome pessoal] era dessa equipe e eu lembro que ficava até meia "acuada" porque ela era muito boa. Mas a gente participava, eu participava do Handebol.

P: Como a senhora percebia o interesse dos alunos em participar? Quando dizia "Ah, hoje vai ter aula de Educação Física".

R: Todo mundo gostava, era uma grande euforia. Começou a ficar mais cansativo depois que começou a passar mais a parte teórica, que ficou mais enfadonho. Mas o tempo que era só jogo, o treinamento, a parte muscular, motora, as brincadeiras, era o melhor que tinha. Eu gostava demais dessa parte.

P: Tinha a presença de algum militar na escola, seja no corpo docente ou não?

R: Não, não tinha nenhum militar.

P: Agora é uma pergunta pessoal, como era a sua participação nas aulas de Educação Física?

R: É, eu era atuante. Porque eu gostava muito das gincanas e das brincadeiras e eu participava assim, tinha um destaque, gostava de ir. Era muito amiga de [nome pessoal], a professora. [nome pessoal] já era mais rígida.

P: Agora é a última pergunta para a gente finalizar a entrevista e eu gostaria de perguntar a senhora como a senhora acha que a Educação Física deve ser atualmente? Qual o papel dela na escola?

R: Hoje em dia mudou muito os conceitos de tudo, não é Vinicius. A gente vê hoje que nós temos uma cultura corpo muito grande, hoje em dia, as pessoas têm mais cuidado com a saúde. Então as pessoas procuram mais, por exemplo, eu tenho 66 anos, mas eu faço academia 3 vezes por semana, tenho uma personal trainer que vai ao meu condomínio e treina comigo. E ela me dá os parabéns todo dia porque eu sou aquela pessoa interessada, né aquela pessoa que vai porque pagou não, sou aquela pessoa que gosta mesmo de fazer. Porque eu tô sabendo que o que estou fazendo ali é para o meu bem, cuidando da minha saúde. Então eu vejo que hoje em dia a Educação Física tomou outro rumo. Tomou outro rumo porque hoje em dia, por exemplo, você tava comendo um pedaço de torta em uma confeitaria aqui, mas aí você pensa que eu tenho crédito para fazer isso porque eu malhei hoje. Então quer dizer que eu sei que a Educação Física vai muito bem, e como seria bom se todo mundo pensasse assim, porque meu marido tem 74 anos mas não quer ir para Educação Física e eu fico tentando ver se coloco ele para se exercitar, para não ficar sem exercícios. Porque eu acho isso muito interessante. E vai ser assim, cada vez mais as pessoas vão se despertando para o exercício, para o esporte, até uma caminhada faz bem. Você ali dispersa seus pensamentos, tira seu estresse, você relaxa. Tinha a questão da mente também, uma coisa que trabalha junto. A saúde física e a saúde mental.

P: Então é isso, eu agradeço demais a sua participação viu e muito obrigada pela colaboração.

P: Estamos dando início agora a nossa entrevista, vou pedir para que a senhora se apresente, fale um pouco da senhora, diga sua idade.

R: Eu sou a professora [Entrevistado cita o nome] aqui da Universidade Estadual da Paraíba, trabalho aqui há 23 anos, sou professora associada, Doutora e ministro competente de Direitos Humanos, como também trabalho em educação.

P: Vamos lá, a primeira pergunta é em qual período que a senhora viveu a Educação Física escolar?

R: Foi no período de 1972 à 1974.

P: Que corresponde ao Ginásio, né?

R: Isso.

P: Foi em qual escola que a senhora estudou?

R: Eu estudei inicialmente no colégio Alfredo Dantas e depois mudei para o Polivalente Modelo, a escola Polivalente Modelo, que se chama atualmente Polivalente.

P: Uma particular e outra pública?

R: Isso, exatamente.

P: A senhora consegue recordar como eram as aulas de Educação Física?

R: Bem, eram aulas prazerosas, mas tinha o seguinte como lá no Alfredo Dantas nessa época ainda era tudo coordenado pelo professor [nome do professor] né, então tinha um perfil muito militar. Até para adentrar na própria escola a gente tinha o controle de meia, se a meia tava puxada corretamente, se era na cor adequada, então na aula de Educação Física nós tínhamos que cantar o Hino Nacional, perfilados né, então era assim bem um regime do estilo militar no Alfredo Dantas, depois quando a gente foi para o público, também tinha esse perfil, mas não era tanto como no colégio Alfredo Dantas.

P: A senhora consegue lembrar quais eram os conteúdos que eram trabalhados na Educação Física?

R: Olhe, para ser sincera eu não recordo muito. Eu lembro que a gente via muito sobre a história, a história da Educação Física né quando eu estava no Alfredo Dantas, mas no público a gente não tinha praticamente aula teórica não, eram só mais as aulas práticas.

P: Dentro desse período que eu tô perguntando a senhora, a gente tava vivenciando o que era conhecido como os anos de chumbo, que foram os anos de maior repressão, a senhora sentia influência do regime dentro da escola?

R: Demais, demais mesmo. Nesse período, se não me engano era Médici onde foi um período terrível em nossas vidas, porque foi uma perseguição grande. Meu pai foi preso, foi torturado, então foram anos difíceis até de falar sobre eles né, porque foi um período que massacrou a nossa família toda. Minha mãe saía para procurar ele nos porões da polícia né e eu ficava em casa tomando conta das minhas 2 irmãs, para poder controlar a casa, organizar as coisas juntamente com meu irmão mais velho, então, o peso disso na sala de aula era grande para gente, porque é aquela coisa você é filho de comunista, é terrível ser taxado como filho de comunista né. Porque eles diziam assim que

papai comia fígado de criança, porque eram pessoas muito más, muito perigosas.

P: Isso os professores?

R: Não, não, os alunos. Mas assim, a questão que hoje nós chamamos de violência entre paz, em Portugal né, que o mundo todo tomou como Bullying, então a gente sofria sem saber que tinha esse nome. Então assim, era muito difícil, inclusive eu fui expulsa do São Vicente no período anterior na frente de todos os alunos, depois de cantar o hino nacional todos estavam perfilados e a professora, a irmã [Nome da professora], foi e disse: "[Nome da entrevistada], filha de comunista herege, se retire dessa escola porque não lhe cabe aqui." Então quer dizer não foi nesse período que eu estou lhe falando, mas foi no período anterior, aí eu fui para casa, mamãe passou mal. Aí foi a irmã [nome da professora] que me colocou de volta porque eu tinha tido a maior nota e o critério era fazer uma boa leitura e não tinha haver ser filha de comunista, não importa de quem ela seja filha, ela vai continuar estudando aqui, mas foi terrível para mim. Lá no Alfredo Dantas, também as pessoas sabiam de quem eu era filha e sofria por parte dos colegas, dos professores não, nunca tive nenhum problema ligado aos professores não. Há não ser essa freira, que fez isso comigo né. E com minhas irmãs também, todos nós pareceram a rejeição por conta do período né, que foi um período cheio de mentiras né e de violência contra as famílias, parentes de quem fosse preso pela política né.

P: A perseguição muito grande né. E o professor de Educação Física nisso tudo, como é que ele se portava? A senhora consegue recordar?

R: Eu consigo recordar muito bem a felicidade que eram as aulas de Educação Física para mim. Porque eu fui aluna de [nome do professor], que foi professor também aqui no curso de Educação Física. Então era um professor muito feliz, tanto fui aluna de [nome do professor] como fui aluna de, eu esqueci o nome do outro que inclusive até faleceu, mas que me convidou até para o judô. Mas eu fui muito feliz nas aulas de Educação Física, era uma respiração, na verdade a Educação Física para a escola como um todo era uma respiração, porque era um momento que a gente podia ficar mais à vontade.

P: Existia no momento da aula de Educação Física alguma separação por sexo?

R: Sempre acontecia isso, sempre. O sexismo sempre esteve presente né e sempre tinha aquilo que as meninas faziam Educação Física em grupos e os meninos a parte. Porque inclusive lá, quando eu estudava lá, a própria sala de aula era separada já, tinha a sala dos meninos e a sala das meninas. Nós não estudávamos em salas mistas não, eram separadas. A gente se unia às vezes na aula de Educação Física, para fazer um campeonato, alguma coisa que era quando a gente se juntava com os meninos.

P: Aí tinha algum fardamento específico para o momento de Educação Física?

R: Tinha. Tinha fardamento específico.

P: Entendi. É quantas vezes na semana vocês tinham aula de Educação Física?

R: Olhe, geralmente eram de 2 à 3 vezes. Mas como [nome do professor] organizava muito campeonato, a gente vinha até no horário contrário, porque a gente amava a Educação Física.

P: Tinha aula teórica ou era somente prática?

R: Eu lembro que a gente tinha assim orientações sobre a história da Educação Física, mas eu não consigo recordar, isso porque eu tô com 63 anos né e eu não consigo lembrar tão bem do que era dito, mas que a gente via alguma coisa sobre a história da Educação Física, porque a gente também tinha o componente de OSPB, não lembro muito bem, mas que a gente também via algumas coisas falando sobre a importância dos esportes. Mas era mais elogiando os esportes, porque na época como o futebol tava em alta, considerando que Pelé tinha trazido o Brasil para o foco essa coisa toda, então existia muito assim os elogios de para frente Brasil do meu coração, as músicas, então as pessoas davam um valor muito grande a questão do esporte, principalmente o futebol, então a gente da turma das meninas jogávamos futebol. Porque [nome do professor] era um professor nota 10 né, nota 10 mesmo. Fui muito feliz nas aulas de Educação Física no Alfredo Dantas, só fiquei um pouco mais triste quando eu fui para pública.

P: Já era uma abordagem totalmente diferente?

R: Já era mais disciplinar, fazer o exercício somente pensando no desenvolvimento do corpo, não era tanto como tinha os campeonatos com Pilon.

P: A gente sabe que existe ali o momento da aula de Educação Física mas também que tem treinamentos a parte, futsal, vôlei, as modalidades. A senhora participava de alguma modalidade específica?

R: Participava com a turma de vôlei. Também jogava aquele jogo que chamava de baleada, que não é um jogo é uma brincadeira né, a gente participava sempre das modalidades também. Tanto que o professor, que até foi vereador aqui, que foi o que me chamou para o judô.

P: Aí nesse momento do treinamento da modalidade era diferente da aula de Educação Física ou era similar a forma como era trabalhado?

R: Não, era similar. Tudo muito prazeroso, tudo com [nome do professor] lá era satisfatório.

P: Como a senhora percebia o interesse dos demais alunos?

R: Todo mundo corria, todo mundo gostava. Era a Educação Física, eu chamava de, até quando eu dava aula lá no curso de Educação Física, eu dizia assim a Educação Física sempre foi a respiração na escola. Porque era o que alegrava o coração da turma. O que unia o grupo, com as meninas e meninos, era muito interessante.

P: Existia a presença de algum militar na instituição? Seja no corpo docente ou não?

R: Que a gente soubesse, ninguém nem falava no assunto. Apenas eu sabia que o professor [nome do professor], que era diretor da escola geral, ele era militar. E o estilo que a gente se formava era todo militar. Mas contratado para dentro da escola, eu não sei. Como o diretor era militar, ele devia ter algumas

práticas, mas eram coisas muito veladas, muito abafadas. Não eram comentadas de maneira nenhuma.

P: Agora uma pergunta de como a senhora acha que a Educação Física tem que ser atualmente, tendo em vista toda a vivência que a senhora teve?

R: Continuo achando que a Educação Física deve ser a respiração da escola. Eu amo a Educação Física, meu filho fez Educação Física, fez um trabalho sobre o karatê, eu já ministrei aula no curso de Educação Física, eu que escolhi vim ser professora no curso de Educação Física porque eu realmente amo. Tenho o prazer de ser professora de alguns alunos dos direitos humanos que cursam Educação Física, então ela é a respiração da escola. Isso que eu aprendi com a vivência, na minha puberdade, na minha adolescência e ela continua fortíssima dentro dos trabalhos que eu desenvolvo com a corporeidade, nessa área toda. Para mim é um prazer imenso estar ligada à Educação Física. E eu acho que ela ainda continua sendo essa respiração, igual naquela poesia, é uma respiração artificial para uma escola que muitas vezes ainda tem aspectos engessados né. Então um professor de Educação Física é sempre uma luz dentro de um ambiente escolar. É tanto que nos projetos pedagógicos que eu coordenava nas escolas, eu sempre tinha um zelo muito grande pelos professores de educação física, porque é essa ponte para vida.

P: Muito legal professora, gostaria de agradecer a sua participação e a sua colaboração na pesquisa. Com certeza, a senhora ajudou muito com as suas colocações e é isso, muito obrigada viu.

R: Estarei a disposição para qualquer esclarecimento ou qualquer outra coisa que você precise, um abraço para o seu orientador que é uma competência, [nome do orientador da pesquisa] é do meu coração e ele sabe disso né, estive na banca dele, ele na minha banca. Muito querido, obrigada mesmo.

P: Então é isso, a gente encerra aqui a nossa gravação.

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA - UEPB / PRPGP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE CHUMBO: A VISÃO DE EX-ALUNOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Pesquisador: Eduardo Ribeiro Dantas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70092923.3.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.123.507

Apresentação do Projeto:

O presente estudo consiste em uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo, no qual participarão ex-alunos da cidade de Campina Grande-PB, que vivenciaram o contexto escolar dentre o período de 1971-1975.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a prática pedagógica da disciplina de Educação Física escolar na cidade de Campina Grande-PB, durante o período do Regime Militar (1971-1974).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever os elementos pedagógicos da Educação Física escolar durante o Regime Militar, lembrado pelos ex-alunos da cidade de Campina Grande-PB;

Analisar os significados e valores atribuídos à disciplina de Educação Física pelos ex-alunos;

Comparar a visão dos alunos no período em que vivenciaram a Educação Física, com o entendimento atual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta risco mínimo aos sujeitos participantes da pesquisa visto que, o procedimento utilizado para o registro de dados não é invasivo. Nesse sentido, o único possível risco que a

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário			
Bairro: Bodocongó	CEP: 58.109-753		
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE		
Telefone: (83)3315-3373	Fax: (83)3315-3373	E-mail: cep@setor.uepb.edu.br	

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA - UEPB / PRPGP



Continuação do Parecer: 6.123.507

pesquisa oferece é a possibilidade de constrangimento, entretanto é facultado ao participante a sua participação por meio do TCLE. Os benefícios esperados podem superar possíveis riscos, ao contribuir para a temática, com a reflexão sobre o ensino da Educação Física na cidade de Campina Grande-PB, durante o período do Regime Militar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta do projeto é relevante, tem caráter social e acadêmica e levanta uma temática interessante. Há a possibilidade de discussão sobre desenvolvimento de habilidades para atingir alguns interesses para os militares, como a formação de atletas de alto nível, para servirem de propaganda do governo em competições internacionais, a melhoria da mão de obra, para uma maior produtividade, como também do uso político da educação para disseminação das ideologias do Regime.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: Anexada

Declaração de concordância com projeto de pesquisa: anexado

Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável: anexado

TCLE: anexado (incluindo a possibilidade de gravação)

Recomendações:

O projeto é relevante, apresenta importância acadêmica e social. A metodologia está clara e adequada ao que se propõe. Todos os termos foram anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

INEXISTEM PENDÊNCIAS E OU INADEQUAÇÕES QUE O PESQUISADOR NECESSITE ESCLARECER. RECOMENDAMOS OBSERVÂNCIA ATENTA E CRITERIOSA DURANTE EXECUÇÃO PARA GARANTIR O CUMPRIMENTO DA RESOLUÇÃO 466.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto foi avaliado AD REFERENDUM, tendo recebido parecer APROVADO. O pesquisador poderá iniciar a coleta de dados e destacamos que, ao término do estudo deverá ENVIAR RELATÓRIO FINAL através de notificação (via Plataforma Brasil) da pesquisa para o CEP – UEPB.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA - UEPB / PRPGP



Continuação do Parecer: 6.123.507

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2144270.pdf	15/06/2023 16:39:31		Aceito
Declaração de concordância	declaracao_de_concordancia.pdf	15/06/2023 16:38:05	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	15/06/2023 16:37:35	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Scanner_20230531.pdf	31/05/2023 13:19:25	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	vinicius.pdf	29/05/2023 10:40:27	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Compromisso.pdf	19/05/2023 16:31:23	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC.pdf	19/05/2023 16:23:59	Eduardo Ribeiro Dantas	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 16 de Junho de 2023

Assinado por:
Gabriela Maria Cavalcanti Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br